



o arquiteto e a sociedade

www.feevale.br/bloco

bloco@feevale.br

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR
Centro Universitário Feevale



o arquiteto e a sociedade

**Ana Carolina
Pellegrini**

**Juliano Caldas
de Vasconcellos**



Organizadores

Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil
2008

PRESIDENTE DA ASPEUR
Argemi Machado de Oliveira

REITOR DA FEEVALE
Ramon Fernando da Cunha

PRÓ-REITORA DE ENSINO
Inajara Vargas Ramos

PRÓ-REITOR DE PESQUISA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E
ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
Angelita Renck Gerhardt

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Inajara Vargas Ramos

REALIZAÇÃO
Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas - ICET
Diretora: Cláudia Gonçalves Pereira
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Coordenador: Leandro Manenti

EDITORA FEEVALE
Celso Eduardo Stark
Helena Bender Hennemann
Maiquel Dêlcio Klein
Maurício Barth
Moris Mozart Muszkopf

CAPA, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
e REVISÃO TEXTUAL
Ana Carolina Pellegrini e Juliano Caldas de Vasconcellos

IMPRESSÃO
Gráfica Nova Prova

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário Feevale - RS/Brasil
Bibliotecária responsável: Rosângela Terezinha Silva – CRB 10/1591

Bloco (4): o arquiteto e a sociedade / Organizadores: Ana Carolina Pellegrini, Juliano Caldas de Vasconcellos – Novo Hamburgo : Feevale, 2008. 224 p. il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7717-085-2

I. Arquitetura – Estudo e ensino. 2. Arquitetura contemporânea. 3. Arquitetura e sociedade. 4. Habitação popular. I. Pellegrini, Ana Carolina II. Vasconcellos, Juliano Caldas de.

CDU 72



© Editora Feevale – TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE
Editora Feevale
Campus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 – CEP 93510-250 – Hamburgo Velho – Novo Hamburgo – RS
Campus II: RS 239, 2755 – CEP 93352-000 – Vila Nova – Novo Hamburgo – RS
Fone: (51) 3586.8800 – Site: www.feevale.br/editora

O Bloco mudou.

Depois de três volumes, a coleção Bloco(s) passa a se apresentar com outra cara. Agora, tetra, ficou com mais jeito de livro. Ou de revista? Pois é... mudou, mas manteve suas ambigüidades. Afinal de contas, a verdade é que ser ambíguo pode ser muito interessante.

Mantivemos o tradicional formato quadrado, mas abandonamos a divisão em apenas duas partes. Agora, o livro organiza-se em seções que reúnem textos cujos temas apresentem afinidades entre si. A organização do Bloco(4) visa a diferenciar (mas, ao mesmo tempo, integrar) a produção desenvolvida

no âmbito da Feevale daquela gerada fora dos muros da instituição. O equilíbrio entre elas é o segredo deste volume, já que acreditamos no conhecimento, ainda que produzido em âmbito privado, como bem público. E essa é uma via de mão dupla. O Bloco, portanto, é pretexto para produzir, registrar e disseminar o conhecimento.

Actually, I find the tension between the two super-interesting.

“ – Eu não estou certo se isso é um livro ou uma revista.
– Na verdade, eu acho a tensão entre as duas coisas super interessante.” (KOOLHAAS, Rem. Content. Alemanha: Taschen, 2004)

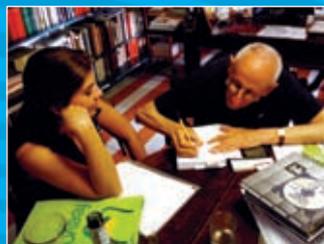
I'm not sure if this is a book or a magazine.



Apresentação do Bloco(1) na PUC do Chile, Santiago, 2006.
Foto: Renata Marques



Apresentação do Bloco na UIA 2008, na Itália. Torino, 2008.
Foto: Leandro Manenti



Apresentação do Bloco na UIA 2008, na Itália. Torino, 2008.
Foto: Leandro Manenti



Lançamento do Bloco(3), na 53ª Feira do Livro de Porto Alegre, 2007.
Foto: Leandro Manenti

O Bloco ficou mais leve.

O Bloco(4) tornou-se mais portátil. A supressão das capas duras internas possibilitou-nos uma publicação fisicamente mais leve – o que é bem importante, já que nossos Blocos viajam o mundo conosco, visitando bibliotecas não apenas brasileiras, mas também internacionais. Essa espécie de “apostolado” – ao qual nos referimos na apresentação do Bloco(2) – tem contribuído não apenas para a difusão do conhecimento produzido aqui na Feevale, mas também para a divulgação de nossa instituição, que, diga-se de passagem, vem nos apoiando e incentivando incondicionalmente nos últimos anos. Agora, portanto, ficou mais fácil levar nosso livro para conhecer (e ser conhecido por) outros mundos.

O Bloco coloriu.

Depois de três volumes em preto e branco, agora o Bloco vem a cores. Uma importante conquista, já que a cor é condição fundamental para o entendimento da arquitetura. Não é novidade que Le Corbusier definia a arquitetura como “o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz”. E não é verdade que luz e cor são interdependentes e que, às vezes, até se confundem? O Bloco, enfim, iluminou-se.

O Bloco amadureceu.

Da mesma forma que nós e nossos leitores, desde que a coleção começou, o Bloco amadureceu. Nosso livro perdeu um pouco da cara despojada com a qual se apresentou nos três anos que passaram. Depois de encerrar a primeira trilogia bem-sucedida, partimos agora para uma nova fase, em busca de aprimoramento da forma e do conteúdo, sem perder o caráter descontraído que, segundo acreditamos, ajuda na conquista de nossos leitores, tão desabituaados do mundo analógico das letrinhas. Os textos, cada vez mais qualificados, continuam apresentando experiências desenvolvidas no âmbito do curso, além de artigos sobre temas de interesse pessoal dos seus autores. Desta vez, entretanto, voltados para um tema que visa a unificar

as contribuições sob uma linha em comum. Além disso, mantivemos a prática de convidar colaboradores externos, os quais gentilmente nos cedem suas contribuições, tão caras para a ratificação de nossa busca pelo intercâmbio de conhecimento com outras instituições de ensino. Desta vez, tivemos a honra de receber, em âmbito local, os colegas Cicero Alvarez, Barbara Mello, Rodrigo Rosinha e Edson Mahfuz. De São Paulo, Ruth Verde Zein animadamente enviou-nos seu texto. O convidado internacional é o renomado crítico de arquitetura Josep Maria Montaner, que, desde o primeiro contato, mostrou-se disposto e comprometido, colaborando generosamente para qualificar ainda mais o nosso livro. A todos estes – e aos colegas da casa, evidentemente – nosso sincero e profundo agradecimento.



O arquiteto e a sociedade.

Desta vez, o Bloco tem um tema central. O arquiteto e a sociedade. Ao encontro da linha de atuação que nosso curso tem adotado, do encaminhamento das disciplinas no âmbito do ensino, e das atividades de extensão, a idéia foi publicar textos que abordassem, de alguma maneira, a fundamental relação do arquiteto com a sociedade.

Assim, selecionamos as contribuições que mais se adequaram a esse viés, e contamos com a colaboração de professores e estudantes da casa, além de nossos seis convidados, autores de quatro textos que também passam pelo tema central escolhido para o Bloco(4).

O tema “o arquiteto e a sociedade” foi desenvolvido à luz de variadas abordagens, desde as mais diretas, até as mais sutis, as quais abrangem campos do conhecimento como educação; teoria, história e crítica da

arquitetura; experiências acadêmicas; etc. Os textos distribuem-se em cinco seções, de acordo com os assuntos desenvolvidos e o com o caráter dos artigos:

Do lado de dentro: apresenta um ponto de vista pessoal a respeito de experiência realizada no âmbito do curso.

De dentro para fora: visa a socializar atividades relevantes desenvolvidas com a participação dos acadêmicos do curso, nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão.

De fora para dentro: a seção apresenta os textos dos professores convidados.

Lá fora aqui dentro: reúne os textos de professores do curso a respeito de outras cidades e outras arquiteturas.

Botando para fora: depoimentos de professores, em tom pessoal, a respeito de assuntos pertinentes à temática do livro.

A idéia deste Bloco(4), portanto, é reforçar a necessidade da reflexão a respeito de tema de tanta relevância, que, apesar de constituir – segundo acreditamos – o cerne do ofício do arquiteto, por repetidas e históricas vezes caiu no esquecimento. Sempre é hora de ratificar o fim maior de nossa profissão – o bem estar da sociedade – e de lembrar que o termo “sociedade”, evidentemente, não se restringe à fatia carente de nossa população, mas sim envolve (inclusive através dos textos) seus mais diferentes grupos e indivíduos: estudantes, turistas, comunidades carentes (também), professores, arquitetos, leigos, leitores... e você. Boa leitura e até o próximo Bloco!

Ana Carolina Pellegrini e Juliano Caldas de Vasconcellos.

sumário

DO LADO DE DENTRO

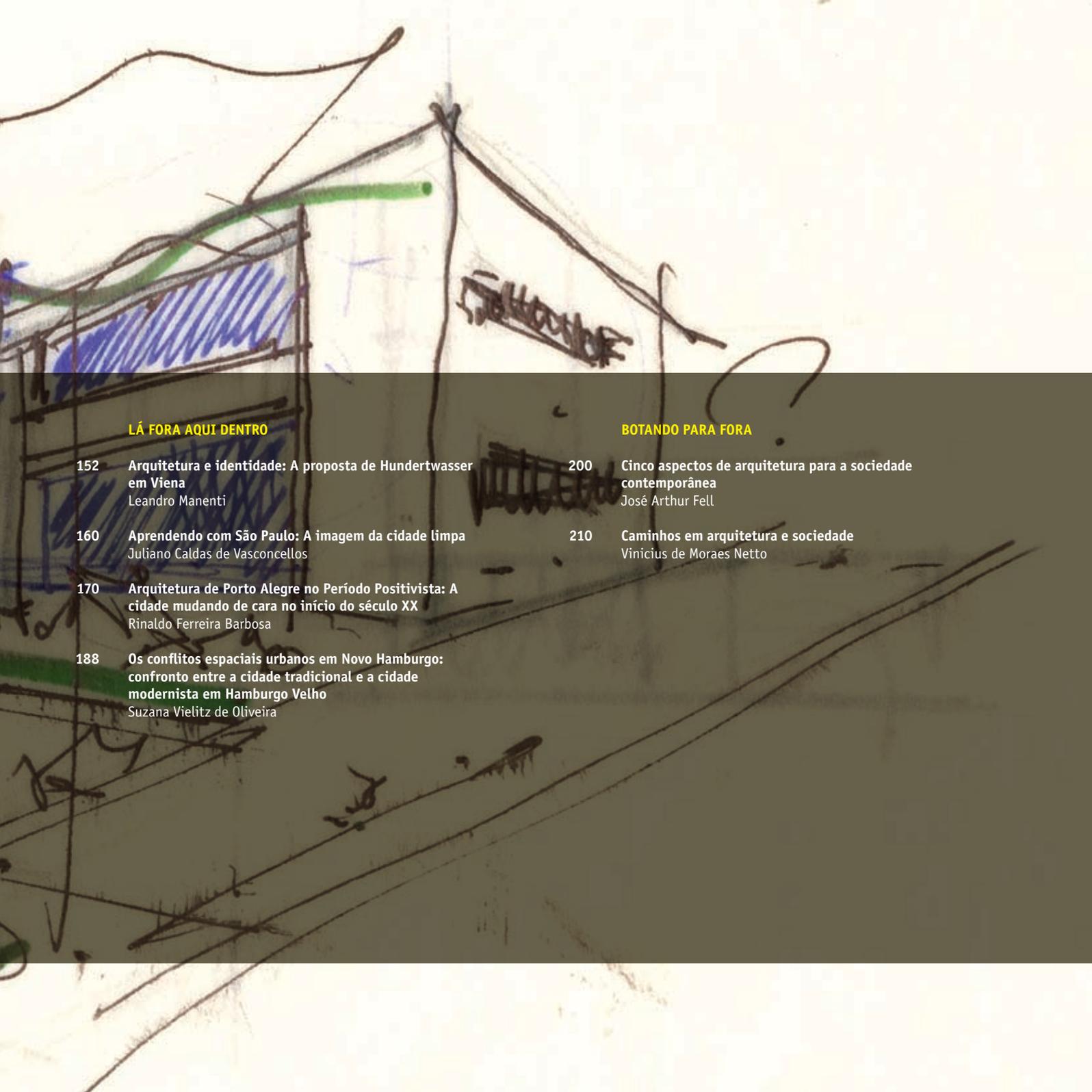
- 12 **Pão e circo**
Ana Carolina Pellegrini

DE DENTRO PARA FORA

- 30 **Arqfeevale na internet: o nosso curso em rede, (inter) agindo socialmente**
Juliano Caldas de Vasconcellos
- 46 **Vila Palmeira: proposta de reurbanização e habitação social - Experiência do curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale**
Alessandra Migliori do Amaral Brito e Vinicius de Moraes Netto
- 66 **Cidade acessível e inclusão social: futuros arquitetos, futuro da arquitetura**
Luciana Néri Martins
- 76 **Projeto Mãos à Obra: Aliando capacitação profissional ao trabalho social**
Alessandra Migliori do Amaral Brito
- 82 **I-TOTEM**
Informação livre + Conectividade + Mobilidade
Thaís Luft

DE FORA PARA DENTRO

- 90 **O arquiteto como sociólogo: Le Corbusier, Louis Kahn, Robert Venturi, Denise Scott Brown e Rem Koolhaas**
Josep Maria Montaner
- 118 **De 1968 a 2008 - ou nove fora, nada**
Ruth Verde Zein
- 122 **Projeto de habitação coletiva apresentado ao Prêmio Caixa-IAB 2006**
Edson Mahfuz
- 136 **O projeto de recuperação, restauração e readequação do Palácio da Justiça de Porto Alegre e o papel social do arquiteto**
Barbara Mello, Cicero Alvarez e Rodrigo Rosinha



LÁ FORA AQUI DENTRO

- 152 **Arquitetura e identidade: A proposta de Hundertwasser em Viena**
Leandro Manenti
- 160 **Aprendendo com São Paulo: A imagem da cidade limpa**
Juliano Caldas de Vasconcellos
- 170 **Arquitetura de Porto Alegre no Período Positivista: A cidade mudando de cara no início do século XX**
Rinaldo Ferreira Barbosa
- 188 **Os conflitos espaciais urbanos em Novo Hamburgo: confronto entre a cidade tradicional e a cidade modernista em Hamburgo Velho**
Suzana Vielitz de Oliveira

BOTANDO PARA FORA

- 200 **Cinco aspectos de arquitetura para a sociedade contemporânea**
José Arthur Fell
- 210 **Caminhos em arquitetura e sociedade**
Vinicius de Moraes Netto



Utilize você também o sistema construtivo mais popular e paradigmático da história da construção civil!



Rei da Laje[®]

www.feevale.br/arquitetura bloco@feevale.br



Pão e circo

ANA CAROLINA PELLEGRINI

Algum dia, dos muitos deste ano nos quais tive o prazer de desfrutar da companhia de meus colegas de trabalho, eu conversava com meu amigo, Juliano, parceiro de Bloco, sobre arquitetura e emoção. Recém-chegado de um feriadão em São Paulo, ele falava, empolgado, sobre como a arquitetura, dentre todas as artes, era a que mais o emocionava. Eu, em silêncio, admirava a sua empolgação e pensava sobre o quão dura havia me tornado nos últimos tempos. Perguntei o que ele sentia quando experienciava essa tal emoção – afinal, considero-me sempre tão insensível em relação ao belo... Ele respondeu que, quando algo o emocionava, não conseguia parar de pensar. Quando se tratava de arquitetura, lembrava do edifício a toda hora, como uma idéia fixa. A resposta, de certa forma, surpreendeu-me. É que mulheres costumam associar a emoção às lágrimas. Aliás, emoção dessas, de mulherzinha, eu senti mesmo foi quando vi ao vivo “O Beijo”, de Gustav Klimt. Fiquei paralisada na frente do quadro exposto no Belvedere, em Viena. Com um nó na garganta, segurei-me para não chorar, porque meu irmão estava junto. E eu não sei bem o porquê, mas não choro na frente de ninguém da família. Agora, edifícios não

costumam levar-me às lágrimas. Juliano, então, falou-me sobre o vão do MASP. Relatou-me sobre como aqueles 74 metros livres de apoios foram capazes de emocioná-lo. E foi aí que me dei conta de que uma das mais recentes – e fortes – emoções que eu senti aconteceu justamente ali, depois do almoço no restaurante

do museu paulista. Entretanto, esta não havia sido uma experiência exclusivamente arquitetônica. Aos poucos, e com o tempo, comecei a vasculhar a mente e o coração em busca de “emoções arquitetônicas”. Encontrei, então, minha primeira vez na Grand Place, em Bruxelas; um fim de tarde de tirar o fôlego

O vão do MASP, o Museu de Arte de São Paulo. Projeto de Lina Bo Bardi. Fonte: http://farm2.static.flickr.com/1113/1392372862_6d42f1a056_o.jpg Acesso em 19 de outubro de 2008.





A Grand Place, em Bruxelas. Espetacular conjunto de edifícios Art Nouveau.



Fim de tarde no Capitólio. Roma.



O canhão de sol nas paredes internas do Pantheon romano.

no Capitólio, todas as vezes em que entrei no Pantheon; um passeio pelos Mercados de Trajano; a Fábrica de Turbinas do Peter Behrens, em Berlim (como é difícil de chegar!); o Convento de La Tourette; o Pavilhão do Mies, minha espetacular e inesquecível estada na Unité de Marseille...

Só que todas essas impressões fortes poderiam ser atribuídas ao fato de que eu sou professora de História da Arquitetura, e que visitar os edifícios que mostramos em aula é sempre muito legal, além de render excelentes fotos para mostrar aos estudantes. Aliás, essa certa situação dessas é que faz a gente ter frieza e competência para fazer as tais fotos ao invés de ficar babando, inerte, na frente do prédio.

No sábado, dia 26 de abril, entretanto, a coisa foi diferente. Fui visitar o recém-inaugurado Museu do Pão, na cidade de Ilópolis, com um grupo de estudantes e colegas da Feevale.

Acostumada a viajar por lugares como Roma, Paris, Berlim, Barcelona, Viena, etc. fiquei muito surpresa e encantada por ter encontrado, na interiorana cidadezinha gaúcha, uma jóia da arquitetura brasileira.



O Convento de La Tourette. Projeto de Le Corbusier em L'Arbresle, no vale do Ródano, próximo a Lyon, na França.



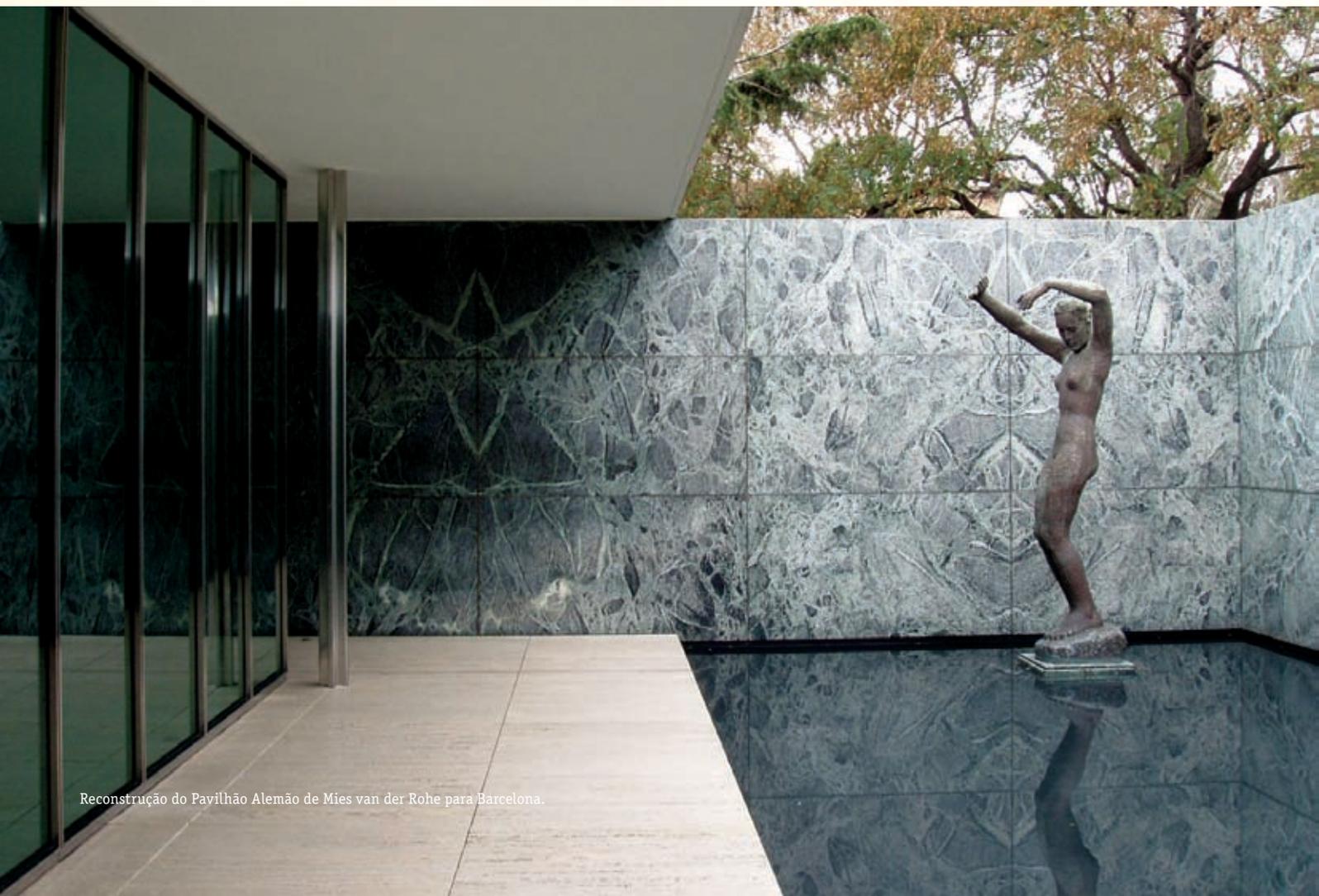
Fábrica de Turbinas AEG. Berlim, Peter Behrens.



Mercados de Trajano. Recentemente reaberto ao público em Roma, precioso testemunho dos tempos imperiais da, então, capital do mundo.
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/5709203>
Acesso em 19 de outubro de 2008.

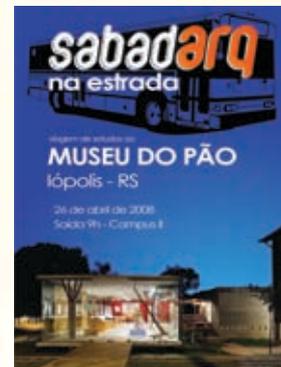
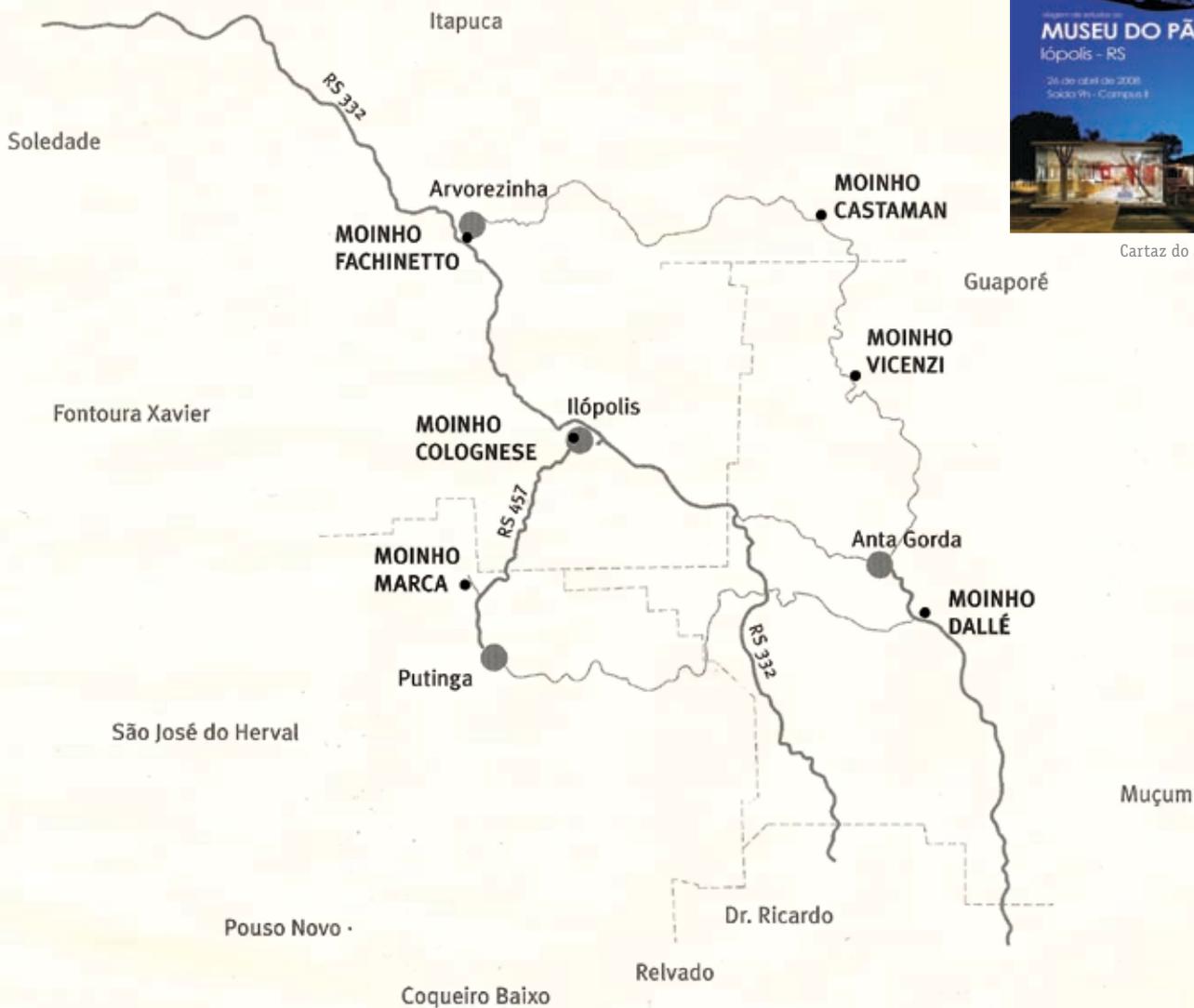


O terraço-jardim da Unité de Marseille, projeto de Le Corbusier. Não resisti e coloquei uma foto em que eu também aparecia...



Reconstrução do Pavilhão Alemão de Mies van der Rohe para Barcelona.

O CAMINHO DOS MOINHOS



Cartaz do Sabadarq

O Mapa do Caminho dos Moinhos, localizando a cidade de Ilópolis na região.

Fonte: A imagem foi retirada do livro "Museu do Pão: caminho dos moinhos", coordenado por João Grinspum Ferraz.



Sr. Roarke e Tatoon, da Ilha da Fantasia.
Fonte: http://www.maggiemaggie.com/files/page0_blog_entry6_1.jpg
Acesso em 19 de outubro de 2008.

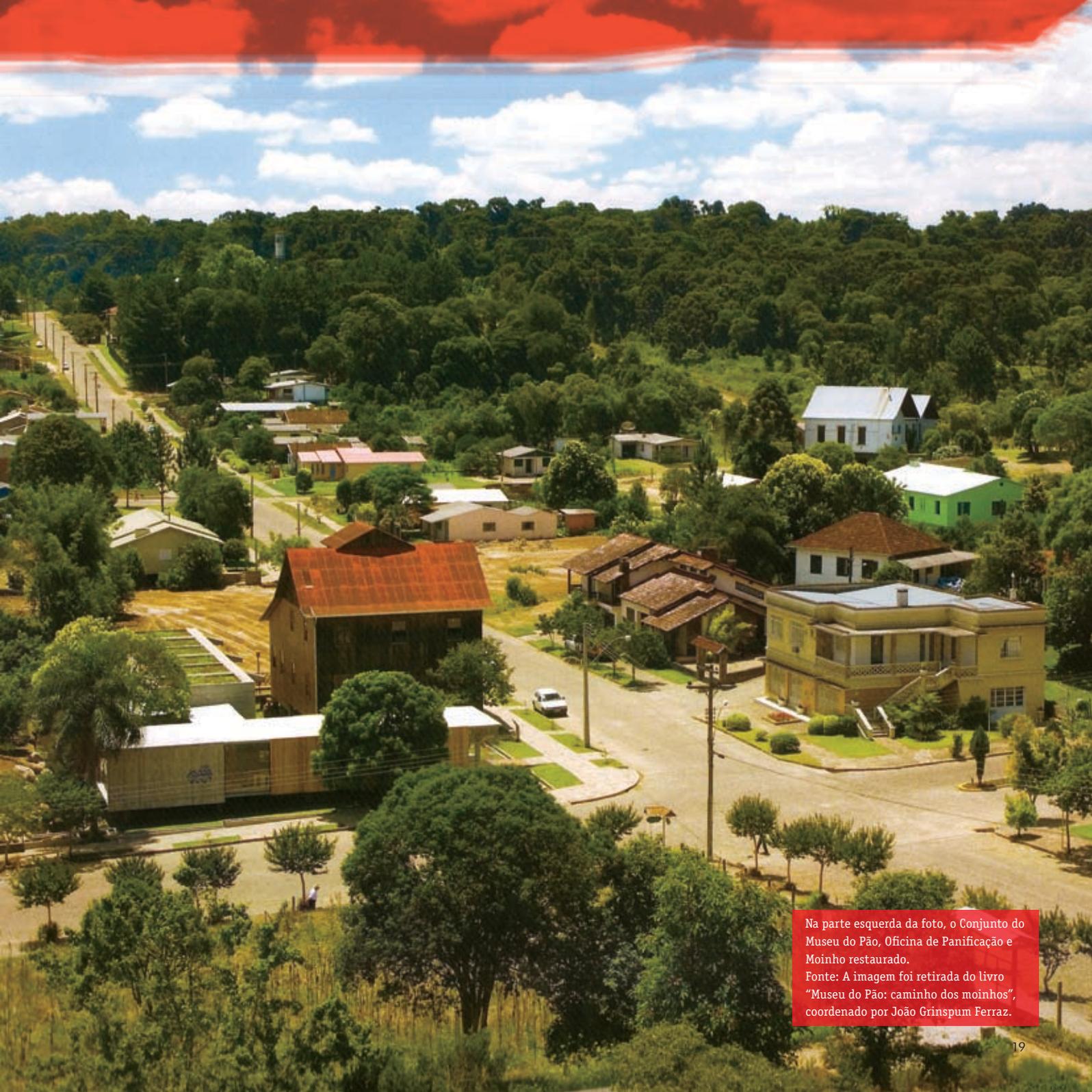
A turma embaixo de chuva, mas iluminando o dia com sua empolgação.
Fonte: Leandro Manenti.
Abril de 2008.

O tempo não estava ajudando: chuvoso e frio, para surpresa da maioria, que tinha deixado, de mangas curtas, uma quente Novo Hamburgo, cerca de três horas antes. Só que, mesmo debaixo de mau tempo, os olhos de todos iluminaram-se por causa da tal emoção sobre a qual me falava o Juliano alguns dias antes.

O grupo de estudantes era formado por alunos de diversos adiantamentos no curso. Os mais velhos, na ida, reclamavam porque já não conheciam quase ninguém. E os mais novos, debutando em grande estilo. Todos, entretanto, pareciam estar em igualdade de condições para entender a importância daquele dia.

Na chegada, fomos recebidos pelo simpático Ismael. Ismael é uma espécie de Tatoon da “Ilha da Fantasia”¹ de Ilópolis. É extremamente atencioso com todos, demonstra competência e conhecimento da arquitetura, do museu, do pão, das boas maneiras. Transformou-se num verdadeiro mestre de cerimônias da cidade e,

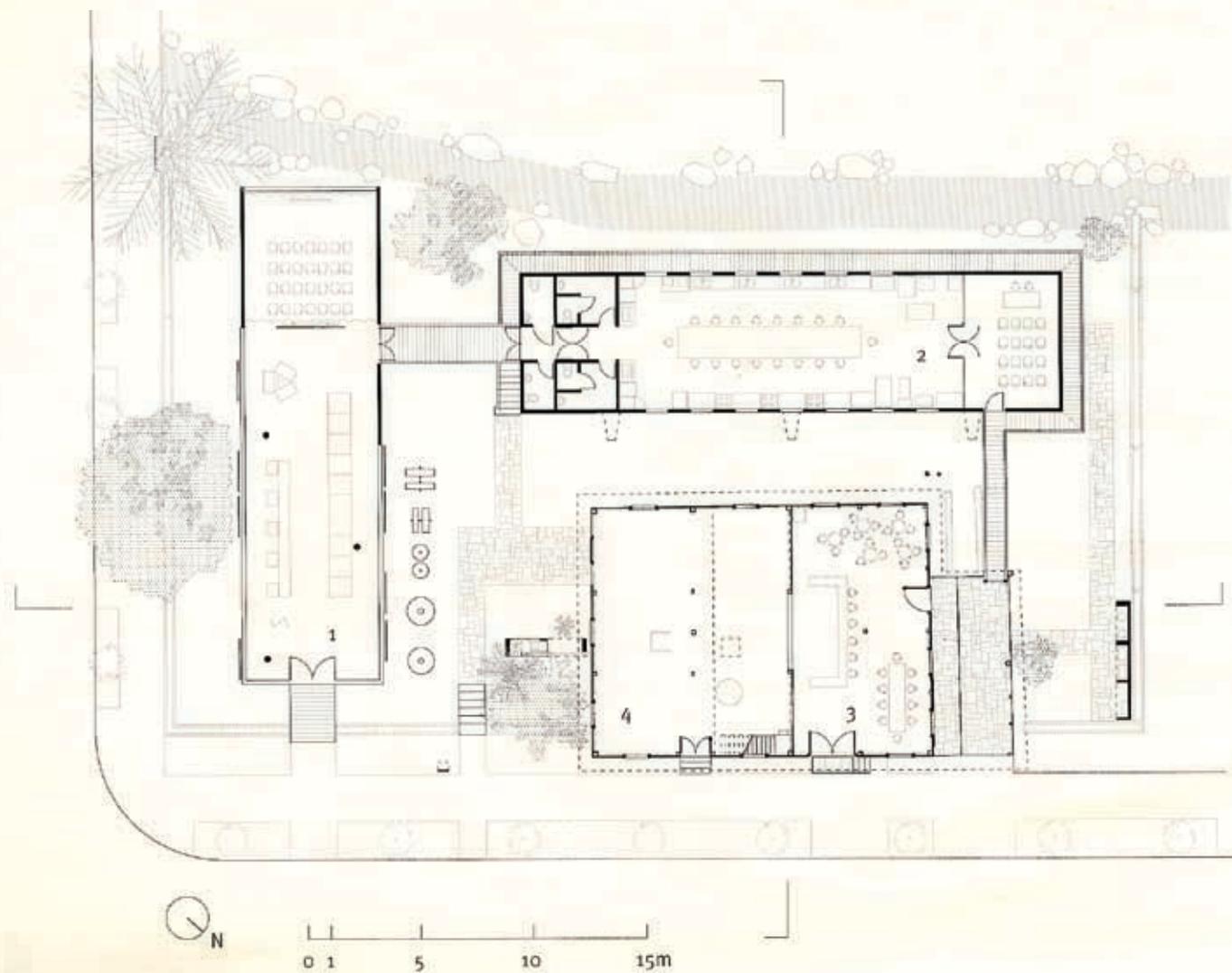
1. A Ilha da Fantasia, para que entendam os mais jovens que eu – que já são tantos, era um seriado americano que passou no Brasil durante os anos 1980, cuja ação se dava em uma exótica ilha que recebia milionários em busca da realização de seus desejos mais fantásticos. A série tinha como protagonistas o Sr. Roarke, misterioso dono do empreendimento, e Tatoon, seu fiel escudeiro.



Na parte esquerda da foto, o Conjunto do Museu do Pão, Oficina de Panificação e Moinho restaurado.
Fonte: A imagem foi retirada do livro "Museu do Pão: caminho dos moinhos", coordenado por João Grinspum Ferraz.

Planta baixa do conjunto. 1 – Museu do Pão; 2 – Oficina de Panificação; 3 – Bodega; 4 – Moinho.

Fonte: A imagem foi retirada do livro "Museu do Pão: caminho dos moinhos", coordenado por João Grinspum Ferraz.





A fachada do pequeno auditório do Museu do Pão.
Fonte: A imagem foi retirada do livro "Museu do Pão: caminho dos moinhos", coordenado por João Grinspum Ferraz.



Pavilhão Alemão em Barcelona. Mies van der Rohe. Reconstrução.



O Pavilhão de Barcelona, de Mies, repousa sobre a austera base de mármore travertino.



O concreto e a madeira ao alcance dos dedos, no Museu do Pão.
Fonte: Leandro Manenti. Abril de 2008.

mantendo a analogia com o seriado da década de 80, representa à altura seu “Sr. Roarke”, Marcelo Ferraz.

E foi Ismael que nos pegou pela mão e conduziu pelo belo conjunto de Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz, que inclui o Museu do Pão, a Oficina de Panificação e a restauração do Moinho Colognese.

Vendo de fora, talvez por causa das cortinas vermelhas, um Pavilhão Alemão de concreto, em plena colônia italiana. Mas isso se a arquitetura só se percebesse com os olhos. Aprendi com meu caro amigo Ricardo, entretanto, que a arquitetura se vê também com os olhos da pele. E é aí que o singelo Museu do Pão ganha do renomado projeto de Mies. À lisura dos planos neoplasticistas, opõe-se a variedade de texturas do concreto combinado à madeira. Tudo bem que no Pavilhão tem o travertino (e eu, como moro em Roma, adoro travertino!). Só que a pedra porosa, no prédio de Barcelona, está mais ao alcance dos pés do que das mãos. E no museu gaúcho a riqueza do tato está francamente entregue ao toque dos dedos. Eu não me arriscaria a dizer qual dos edifícios é melhor. Acho a comparação injusta. Mas só o fato de saber que nosso estado possui um prédio capaz de suscitar uma dúvida dessa natureza já é razão para ficar orgulhosa.



A fachada sul do Museu do Pão apresenta o logotipo, inspirado numa antiga pintura de uma das casas da região.

Fonte: Leandro Manenti. Abril de 2008.



O Museu do Pão, ainda em construção. Note-se a laje apoiada em apenas três pilares. Fonte: “Museu do Pão: caminho dos moinhos”, coordenado por João Grinspum Ferraz.



MUSEU DO PÃO

O prédio do Moinho Colongnese visto desde o corredor avarandado que conecta o museu à oficina de panificação.

Fonte: Leandro Manenti. Abril de 2008.

Tudo ali parece ter sido pensado com carinho. E é isso que faz a diferença, já que o cuidado dispensado à arquitetura transpira a cada detalhe do projeto: seja na escolha do logotipo do museu – uma antiga pintura encontrada numa das casas da região, na peraltice de optar por apenas três apoios para segurar a laje da sala de exposições, no projeto do corredor avarandado que margeia a oficina de panificação, no desenho das maçanetas, ou em tantos outros pormenores dos edifícios.

E é o Ismael que transforma o museu em teatro. Manipula as cortinas vermelhas do pequeno auditório como se as estivesse abrindo para permitir o início de um grande espetáculo. Promove cada elemento do projeto a protagonista de uma *mise en scène* do pão e da arquitetura. Desliza os painéis de madeira que protegem a fachada de vidro de maneira a preparar o prédio para as fotos, fazendo questão de melhorar o que já parecia irretocável. No antigo moinho, transforma a demonstração da moagem de milho numa excitante experiência, elevando os espectadores a agentes do processo. Tudo com muita alegria e empolgação. E é aí que o pão encontra o circo. Não da maneira alienante preconizada pela política dos antigos imperadores romanos, mas sim na melhor acepção da



Ismael encaminha a turma para a visita ao Moinho.
Fonte: Leandro Manenti.
Abril de 2008.

expressão, que alude, neste caso, à diversão proporcionada pela cultura e identidade de um povo associadas à boa arquitetura e ao respeito pelo lugar.

Disposto a conversar com todos o tempo todo, nosso anfitrião, que é nativo de Ilópolis, tem um discurso surpreendente sobre os critérios de excelência da arquitetura, mas não se limita a falar do edifício. Conta sobre a importância do processo de restauração do moinho e de construção dos novos edifícios, do envolvimento das pessoas do lugar com o trabalho, de como o projeto todo contou com o comprometimento da comunidade. Ainda que boa parte dos moradores da cidade tenha estranhado as formas dos novos edifícios e muitos ainda hoje pensam que o museu está inacabado (afinal, não tem reboco, revestimento, e tal...), quase todo mundo por lá já reconhece a importância do novo Museu do Pão.

No final do passeio, fomos conduzidos à Bodega do Moinho. Enquanto no Pavilhão do Mies deparamo-nos com as belíssimas e clássicas Poltronas Barcelona (nas quais não se pode sentar), ali podemos nos acomodar em cadeiras de Lina Bo Bardi. Marcelo trabalhou com a arquiteta no começo da carreira e hoje produz



A Bodega do Moinho. De cima, os móveis de Lina Bo Bardi e Marcelo Ferraz.
Fonte: "Museu do Pão: caminho dos moinhos", coordenado por João Grinspum Ferraz.





A turma da Feevale diante do Museu do Pão. Ao fundo o Moinho Colognese.
Fonte: Acervo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale.

móveis projetados com ela em sua Marcenaria Baraúna. Acho lindos esses encontros! Certamente a arquiteta ítalo-brasileira teria ficado satisfeita de ver uma cidade 98% descendente de italianos tornar-se palco para a arquitetura brasileira de melhor qualidade. Itália e Brasil, neste caso, unidos também pelo convênio internacional que possibilitou a restauração do museu.

“Cadeiras de Lina Bo Bardi”. A última vez que havia me sentado numa delas foi justamente naquele almoço do MASP. Dei-me conta de que não sou tão empedernida como pensava. Afinal, daquele dia em diante não consegui “parar de pensar” por um bom tempo. Pensar no surpreendente museu, no belo dos encontros da vida, como aquele dos italianos com os brasileiros. No encontro de Marcelo e Lina, e na chegada da arquiteta a Ilópolis através de Marcelo e Francisco. E do meu encontro com o pão. E com o circo da boa arquitetura.

Sobre o pão, o museu e a arquitetura, acho que os Titãs é que tinham mesmo razão: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.”

[Imagens não creditadas pertencem ao acervo da autora]

VOCÊ SONHA DIRIGIR UMA BIGA?

VOCÊ ADORARIA PODER LER À LUZ DE LAMPARINAS?

VOCÊ LAMENTA NÃO PODER ANDAR PELA RUA VESTINDO TÚNICA E SANDÁLIAS?

PAPEL HIGIÊNICO, CHAPINHA, SECADOR DE CABELO E CREME DENTAL SÃO ARTEFATOS SUPÉRFLUOS NO SEU DIA-A-DIA?

QUANDO ALGO VAI MAL NO TRABALHO, NA VIDA SENTIMENTAL, OU QUANDO SEU TIME PERDE, VOCÊ RESOLVE O ASSUNTO NO TAPA?

VOCÊ ESTÁ FARTO DE SANEAMENTO BÁSICO E NUNCA FEZ QUESTÃO DE ÁGUA CORRENTE DENTRO DE CASA?

QUE JOGADOR DE FUTEBOL, QUE NADA, SEU SONHO DESDE CRIANÇA FOI SER UM GLADIADOR DE SUCESSO?

CONSIDERA A HORA DE TOMAR BANHO E DE FAZER AS NECESSIDADES FISIOLÓGICAS UM BOM MOMENTO PARA ENCONTRAR OS AMIGOS?

A COMBINAÇÃO DO CLÁSSICO E DO «CONTIPORANHO» O FASCINA?

VOCÊ SONHA EM VIVER COMO UM DEUS?

Então venha para:

Parthenon's

Country

Towers

e seja alguém fora de seu tempo

The screenshot shows the homepage of the feevale website. At the top, there is a navigation menu with options like 'Início', 'Sobre', 'Serviços', 'Resumo', 'Mídia', and 'Fale conosco'. The main content area features the feevale logo and a large image of a building. Below this, there is a section titled 'Arquitetura e Urbanismo' with a sub-header 'Arquitetura e Urbanismo' and a date '2008-01-01'. The text below describes the organization's mission and services.

This screenshot shows the Yahoo! Grupos page for the feevale group. The page header includes the Yahoo! logo and the text 'GRUPOS'. The main content area displays the group name 'feevale - Arquitetura e Urbanismo - Feevale' and provides information about the group's members and activity. There is a section for 'Arquitetura e Urbanismo' with a date '2008-01-01' and a description of the group's focus on architecture and urbanism.

The screenshot displays the feevale Facebook profile page. The header shows the Facebook logo and the page name 'Arquitetura Feevale'. The main content area includes a cover photo, a bio, and a list of members. The bio describes the organization as a professional association of architects and urbanists. The members list includes names like Regina G., Regina F., and others.

This screenshot shows the feevale blog page. The header includes the blog title 'BLOG ARQUITAVE' and the URL 'http://www.feevale.org.br/blog'. The main content area features a large image of a building and a section titled 'Nosso blog' with a date '2008-01-01'. The text describes the blog's purpose and content.

The screenshot shows the flickr page for feevale. The header includes the flickr logo and the page title 'Viagem de Estudos - Porto Alegre 2008'. The main content area displays a large image of a building and a section titled 'Galeria de Arquitetura' with a date '2008-01-01'. The text describes the gallery's content.

This screenshot shows the feevale YouTube channel page. The header includes the YouTube logo and the channel name 'feevale'. The main content area displays a video player with a title 'Arquitetura Feevale' and a date '2008-01-01'. The video player shows a scene of a building interior.

The screenshot shows the feevale Wikipedia page. The header includes the Wikipedia logo and the page title 'Curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale'. The main content area displays a large image of a building and a section titled 'Curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale' with a date '2008-01-01'. The text describes the course's content and objectives.

This screenshot shows the feevale Delicious bookmarks page. The header includes the Delicious logo and the page title 'arquave's Bookmarks'. The main content area displays a list of bookmarks with titles like 'Pi Elemental - Design Develop Build' and 'Brazil - Kazuooharu Ando's work'.

The screenshot shows the feevale Google Maps page. The header includes the Google logo and the page title 'Feevale - Arquitetura e Urbanismo'. The main content area displays a large satellite image of a city area with a red pin marking a location.

Arqfeevale na internet

O nosso curso em rede, (inter)agindo socialmente

JULIANO CALDAS DE VASCONCELLOS

Desde março de 2003, quando foi “inaugurado” o grupo arqfeevale no Yahoogrupos, as discussões sobre arquitetura e temas correlatos do nosso curso têm, cada vez mais, utilizado a internet como meio de comunicação e propagação de idéias, muito mais do que o tradicional “quadro de avisos” ou as discussões isoladas em sala de aula. Com as ações do curso na internet, iniciou-se um processo de publicações *online* que alcançou muito mais que apenas a comunidade acadêmica. A possibilidade de se comunicar em rede através de algumas ferramentas gratuitas (disponíveis para qualquer pessoa que queira utilizá-las) abrange aspectos de hipermídia no seu mais amplo sentido, utilizando a rede de maneira inteligente e com *feedback* quase que instantâneo. São essas ferramentas que irei, rapidamente, explicar aqui neste artigo, além de, na sequência, demonstrar uma parcela do que tal advento pode acrescentar à discussão arquitetônica em um curso superior de arquitetura e urbanismo.



O SITE OFICIAL
www.feevale.br/arquitetura

Como acontece com a maioria das instituições de ensino superior, a Feevale também possui uma parte do *site* institucional dedicado para cada um dos cursos que oferece, com as informações básicas sobre perfil profissional, mercado de trabalho, nomes dos professores e suas respectivas disciplinas, estrutura curricular além de notícias relacionadas. A estrutura do *site* (não só da arquitetura, mas de toda a instituição) ainda não permite maiores desdobramentos (como comentários ou interatividade dos leitores), mas já está em andamento um projeto para que estes aspectos sejam flexibilizados, principalmente para que professores e acadêmicos possam produzir mais informações e se amplie o banco de dados de cada um dos cursos. Dentro desta estrutura, o que se procura fazer, desde 2005, é ampliar este conteúdo, adicionando não só as informações de ensino mas também dos projetos de extensão do curso de Arquitetura e Urbanismo, como o Mãos à Obra (www.feevale.br/mo)

e Arquitetura e Comunidade (www.feevale.br/aec), além de oferecer, na íntegra, todas as edições do Bloco gratuitamente, em PDF, com o layout original do livro (www.feevale.br/bloco).



GRUPO ARQFEEVALE
<http://br.groups.yahoo.com/group/arqfeevale/>

O grupo de discussões arqfeevale é, sem nenhuma dúvida, o canal mais ágil e eficiente de se comunicar com os professores e com os estudantes do curso. Iniciado em março de 2003, o grupo conta com aproximadamente 90% dos alunos cadastrados e com a totalidade dos professores do curso. Além da agilidade, a lista de discussão por *e-mails* é um instrumento de agregação social, onde as principais questões do curso são divulgadas e discutidas. Mas os assuntos não ficam restritos apenas aos recados e eventos do curso. Na lista acontecem os principais debates coletivos sobre arquitetura e urbanismo. Certas discussões possuem uma densidade de informações muito interessante (veja no final deste artigo uma reprodução do que acontece por

lá). Mesmo que a maioria dos assinantes não participe de forma efetiva, não é raro ver a ressonância do que é discutido virtualmente nos corredores e salas de aula. Este é o ciclo mais saudável em tempos de informação digital nos meios acadêmicos: os debates devem extrapolar o espaço virtual e colaborar para o processo de aprendizagem no âmbito real.



COMUNIDADE NO ORKUT
www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=55627

A maior rede social entre os brasileiros também possui uma comunidade oficial do curso. O objetivo principal desse canal é utilizar os recursos do Orkut como um fórum de discussões entre os estudantes e professores, já que é uma comunidade que tem uma proposta semelhante ao grupo no Yahoogrupos (porém pode ser visualizada por qualquer um), mas só os cadastrados podem participar das discussões.



BLOG ARQFEEVALE

www.arqfeevale.wordpress.com

O *blog* do curso sempre foi uma idéia de um *site* que pudesse ser atualizado a qualquer momento, de qualquer computador, por qualquer professor, sobre assuntos que interessam aos estudantes do curso. Assim sendo, no início de 2008 foi introduzido o *blog* do curso, utilizando os serviços do Wordpress (na época, um dos poucos serviços de *blog* que não eram bloqueados dentro da rede acadêmica). Essa talvez seja uma das ações de maior impacto em termos de interação de arquitetos e arquitetos em formação (nossos estudantes) com a sociedade em geral. Como qualquer *blog* hoje em dia, todos os “posts” (como se chama um artigo dentro de um *blog*) podem ter comentários de qualquer leitor, seja ele quem for. Com isso, mais gente começou a acompanhar as notícias e artigos do *blog*, comentando no próprio post ou gerando, mais uma vez, debates dentro da sala de aula (ou simplesmente servindo como referência de algum assunto pertinente).



FLICKR

www.flickr.com/arqfeevale

O Flickr nada mais é do que um *site* de compartilhamento de imagens de enorme aceitação e utilização na internet. A facilidade e as diversas possibilidades de gerenciamento (principalmente de fotografias) são o seu maior atrativo e, também por essa razão, é referência nesse tipo de serviço. Foi adotado por nós juntamente com o *blog*, com o objetivo de abrigar o acervo do curso (registros dos eventos). Lá estão praticamente todas as viagens promovidas pelo curso desde 2002, como fonte de consulta pública e aberta a todos que estiverem interessados em conhecer os eventos que acontecem dentro e fora da Feevale.



YOUTUBE

www.youtube.com/arqfeevale

O Youtube é referência no compartilhamento de vídeos na internet. Assim como na TV convencional, o *site* possui divisão em canais (cada usuário pode ter o seu). Dentro dessa idéia, o “canal arqfeevale” exhibe vídeos produzidos

pelos professores e estudantes.

Recentemente, foram adicionados ao canal os audiovisuais produzidos pelas disciplinas de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo III, tendo como tema a vida e a obra de arquitetos contemporâneos. Vídeos da visita ao Museu do Pão, em Ilópolis e da viagem promovida pelo curso até as Missões Jesuíticas também estão por lá, com audiência variada e inclusive de pessoas de fora do país o que pode ser observado pelos comentários postados no canal).



WIKIPÉDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Curso_de_Arquitetura_e_Urbanismo_da_Feevale

A maior enciclopédia *online* também possui um verbete sobre o nosso curso. A possibilidade de qualquer “wikipedista” incrementar o artigo não é a única razão de se ter um verbete, mas também por este ser um ponto de referência em consultas na rede. Um artigo na Wikipédia é algo que vai além da simples opinião, é uma construção coletiva que remete aos princípios mais do que puro anarquismo digital.



DEL.ICIO.US

<http://delicious.com/arqfeevale>

De pouco adianta encontrar “aquele” *site* com forte potencial para discussões em sala de aula (ou simplesmente para utilizar como referência) se não temos como compartilhá-lo com as outras pessoas. É essa a função principal do *site* del.icio.us, que guarda, classifica e compartilha os *links* que lá forem postados. É uma ferramenta extremamente útil e dinâmica, pois estes links também são automaticamente atualizados no *site* oficial e no *blog*.



GOOGLE MAPAS

<http://maps.google.com.br>

Buscamos utilizar os recursos do Google Maps (mapas e fotos de satélite) não só para localizar o prédio no Campus II (onde são ministradas a maioria das disciplinas do curso), mas também como referência para qualquer um que queira chegar até o local, através da rota que o próprio *site* disponibiliza. Este recurso está presente apenas no *blog*, mas o link para ele é universal, sendo possível observar em qualquer tipo de dispositivo com um navegador de internet.

Buscar associados:

Ver: [Simple](#) | [Expandido](#)

diretamente para o endereço leand...
ões pessoais sobre matrículas, currí...
itados.

envie mensagens para a lista, pedir...
mais receber as mensagens do arqfe...
vale-unsubscribe@yahoogrupos.com

as deliberações de algumas assuntos...
lo, tem alguma coisa a acrescentar...
tá em discussão. Não envie mensage...
!" "Muito bem!". Participe somente...
desenvolvimento da conversa. Conf...
lo) é mais apropriado.

rtifique-se do destino de sua mensag...
lo se tratar de resposta automática (n...
has, Cc: e To:. Ainda assim pode ser r...
agem, cujo endereço se encontra no c...
manutenção e regulamentação da lis...
dar ou discutir algo sobre este assun...

arqfeevale@yahoo.com.br

As próximas páginas deste artigo
reproduzem um debate iniciado no
Grupo Arqfeevale do Yahoogrupos
em 26 de março de 2008. O tópico
teve suas quase 20 mensagens
especialmente compiladas para a
publicação nesta edição do Bloco.

4556 **Re: Camiseta arquitetura**
Eu já comprei!! (mas não paguei ainda... segunda eu pago!!) :-D é lindona mesmo,
vale a pena!!! Vamos se coçar gurizada! abraços e sucesso nas vendas para...

4557 **RES: [arqfeevale] II Fórum Pró-Sustentabilidade**
Caros alunos, Gostaria de fazer algumas reflexões sobre a participação em eventos.
Estes servem para atualização, troca de idéias, conhecer pessoas...

4558 **RES: [arqfeevale] II FÃ³rum PrÃ³-Sustentabilidade**
Pessoal, Complementando o que o professor Leandro escreveu.... nÃ£o acho que o
evento seja caro. AliÃs, tenho certeza de que o evento nÃ£o Ã© caro. Digo isso...

4559 **monitoria de IAU 1e desenho 1 e 2**
Pessoal, Gostaria de informar que terça-feira (28/10) não haverá monitoria de IAU
1, desenho 1e 2. Para qualquer esclarecimento estou a disposição, por...

4560 **RES: [arqfeevale] II Fórum Pró-Sustentabilidade**
Caros Alunos, Reitero as palavras da professora Alessandra e sei base que esta
reflexão é de suma importância... Conforme no final do seu e-mail ela menciona...

4561 **Re: Camiseta arquitetura**
Eu também já tenho a minha! E é lindona mesmo, oi gente! Vale a pena
ajudar a gurizada que está se formando e também aproveitar a oportunidade, já...

4562 **RES: [arqfeevale] Camiseta arquitetura**
Vim com a minha hoje pra Feevale! Minha esposa também adorou a dela. Tá 10
mesmo. "Recomêindo" Prof. Juliano Vasconcellos (Arq. Ms) Laboratório de de...

4563 **ilópolis + arq na mídia**
oi gente! toque do meu gentil irmão mais velho: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2055> abraços! ana schirmer oi gente! toque do meu...

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2008	2	13	113	76	143	80	66	91	106	121	101	80
2007	12	24	77	138	124	113	42	58	125	140	80	95
2006	2	7	14	56	56	23	80	52	43	53	36	
2005	19	17	42	26	88	38	53	79	29	63	68	54
2004	1	2	29	68	55	37	120	68	93	57	105	71
2003	10	14	99	121	67	121	92	38	50			

Início

Mensagens

Arquivo - Objetivos & Regras

Pendentes

Objetivo:

Spam?

Discutir e trocar informações entre professores e
estudantes do
curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro
Universitário Feevale.

Enviar

Informações

Opçõ

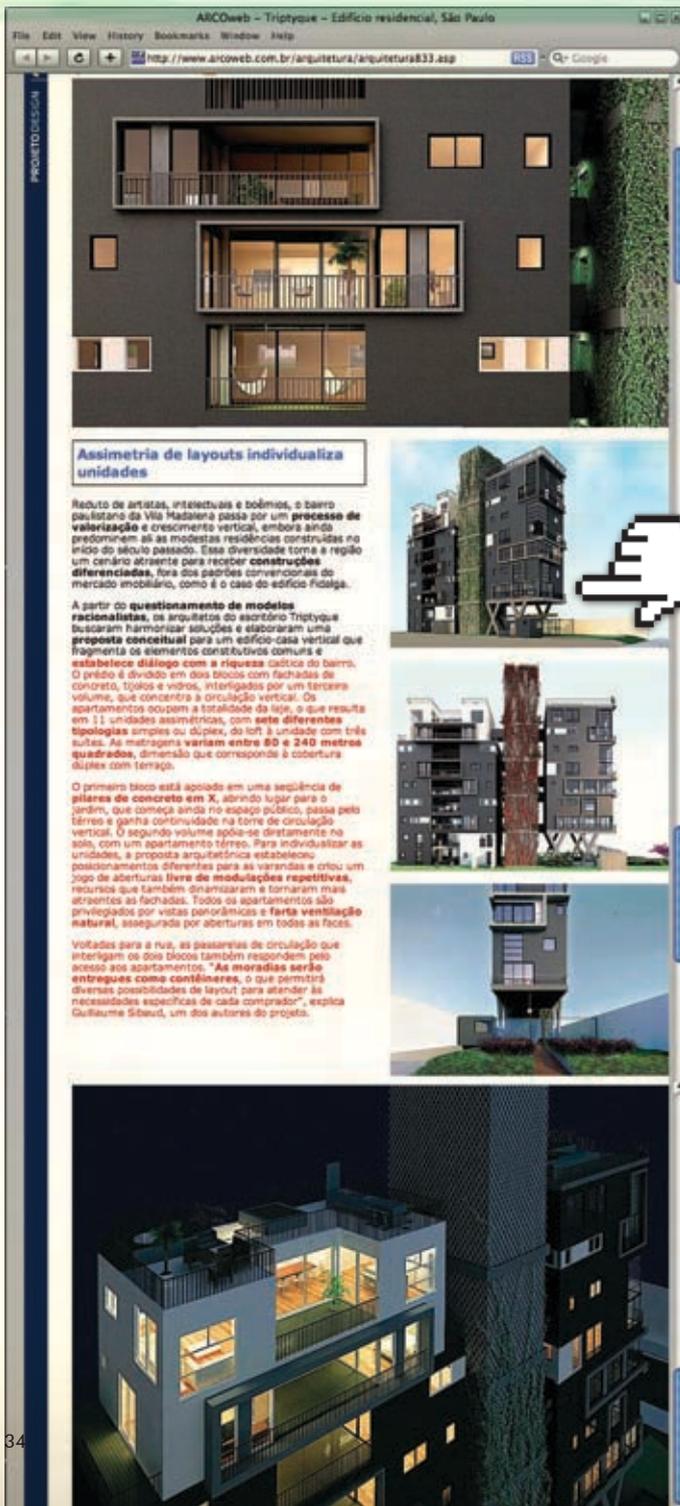
Informações sobre o grupo

Associados: 222

Categoria: Faculdades e

Endereços de e-mail do gru

- Enviar mensagem: arqfeev
- Entrar no grupo: arqfeev
- Sair do grupo: arqfeev
- Proprietário da lista: arqfeev



arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3869 de 4006 < Ant | Próximo >

Por que as grandes construtoras e incorporadoras se deixam vender por modismos (neocrásticos) cada vez mais constantes em meio à urbe?

Por que o sentido exploratório da arquitetura não pode ser implantado nesse meio "político" da construção civil?

Esse link é um exemplo de boa arquitetura (vide o individualismo da proposta) em prol da revitalização das cidades!

<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura833.asp>

Uma boa dica para quem está fazendo projeto 6.

Leonardo Giovenardi

ENC: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3874 de 4006 < Ant | Próximo >

RE: ENC: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Sobre a pergunta se um dia no Brasil uma arquitetura decente vai ser disponibilizada para as pessoas, eu já matutei a mil, mas não consegui resolver.

Olhar o plataforma architectura é algo animador. Porque fica engraçado pensar como num país como o Brasil, que teoricamente é o mais desenvolvido na América Latina, não tem uma arquitetura decente, ao menos em número expressivo, inexistente. Daí tu olhas os projetos que tem no Chile, tem tanta coisa boa que aparece no site, que daí a pessoa se conforta. Pensa assim: bah, qualquer coisa eu me mudo pra lá.

É triste pensar assim, mas, a não ser que se queira trabalhar como desenhista de luxo (daqueles arquitetos que não pensam muito, fazem o que o investidor quer, recebe bem e *adios*), a possibilidade de sair do Brasil não deve ser descartada.

Pois, como disse o sujeito que batia à máquina no interrogatório do Niemeyer há uns quantos anos atrás, mudar a sociedade "Vai ser difícil, hein?"

Marcelo Becker

ENC: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3875 de 4006 < Ant | Próximo >

Re: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Bom dia! Gostaria de criar um debate em cima disso; acho que é um assunto interessante, mas que o pessoal não faz muita questão de discutir e eu não sei o porquê. Esses dias mesmo, brincamos em uma aula de história que deveria se criar uma cadeira optativa só para discutir textos, projetos, etc; voltados à arquitetura comercial.

Sobre projetos exemplares e mercado profissional, acredito que a “culpa” por tal situação nos dias de hoje, se deve principalmente aos meios de comunicação.

Não podemos negar que, se estes apresentassem melhores leituras, bons projetos, que, além daquele “envolpe” que todo mundo irá gostar, apresentasse uma idéia inteligente, não só formalmente, mas funcionalmente, sustentavelmente, estruturalmente(...), teríamos muito mais “pessoas leigas” finalmente exigentes que entendessem realmente o que é morar bem. Quando falo “morar bem”, refiro-me a um único exemplo. Poderíamos falar de projetos urbanísticos, paisagísticos, porque afinal todas as áreas estão deficientes nesse aspecto.

Mudando a maneira de falar, de apresentar, de qualificar um projeto, assim que “vendido” à população em forma de encartes, revistas, *sites*, estas pessoas leigas estariam automaticamente acostumadas a exigir boa arquitetura dos profissionais.

Logo o mundo arquitetônico seria “dos bons” e o restante seria restante, disputando a tapa os clientes, sendo obrigado a se adaptar ao que o mundo cobra...Aí sim, nós alunos não discordaríamos dos professores quando estes falam que não podemos projetar arquitetura comercial... Até lá, vivemos do que né?

O nome do filme? À espera de um milagre....

hehehe
abraço

Lucas Prates

Guilherme Sibaud, um dos autores do projeto.



O edifício Fidalga é uma incorporação do **Movimento Um**, empresa que lançou prédios residenciais de médio porte com **desenhos diferenciados**, desenvolvidos por arquitetos raramente procurados pelo mercado imobiliário. O projeto está em fase de orçamento e aprovação na prefeitura. O início das obras está previsto para o primeiro trimestre de 2008.

Texto revisado e parte de reportagem de **Rafael Carvalos**.
Publicada originalmente em **PROJETOESIGN**, edição 226 fevereiro de 2008.



Greg Bouquet



Carolina Buono



Guilherme Sibaud



Olivier Raffalli



veja também

Vigilanza & Associados e Carlos Arcaes Arquitetura - Renovação de estádio, Curitiba

Paulo Henrique Paranhos - Pórtico, Brasília

André Hertrich Arquitetos Associados - Fundação de apoio ao ensino, Brasília

Mauricio Mendez - Museu, São Paulo

Bernardes e Jacobsen Arquitetura - Residência no Campo



Re: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3878 de 4006 < Ant | Próximo >

Apesar de achar que isso provém de um problema muito mais profundo - a falta de cultura e educação de base em geral, deva ser discutido mesmo assim!

Os meios de comunicação com certeza fazem a sua parte para piorar a situação, mas nós deveríamos - e podemos - fazer muito mais. Essa semana eu recebi um e-mail do tipo que foi encaminhado diversas vezes "Enc:Fwd:En:Fwd: ..." mostrando várias fotos das ilhas artificiais de Dubai e suas residências gigantescas de alta classe - CARIMBADAS - umas ao lado de outras. Os comentários de cada um que encaminhava eram do tipo "Nossa, que coisa linda! Pra mim só uma bastava... Ah, se no Brasil as favelas fossem assim!"

Então, para as pessoas isso é Arquitetura! O supérfluo, o luxo pela simples ostentação. Quem conseguir juntar uma grana na vida vai querer construir uma casa igual a essa que viu no e-mail, na TV, na revista... Porque quem tem é "O cara". Não interessa se funciona, se é confortável, se é sustentável, se representa alguma coisa... É revoltante, mas não adianta não fazer nada. Nós temos que tentar identificar e divulgar a Arquitetura de QUALIDADE Realmente, falta conhecimento dos meios de comunicação, da grande maioria da população! Mas e se começássemos a espalhar bons exemplos? Criticar o que existe por aí? o que a Arquitetura pode ser, e não o que ela é... Já seria uma grande coisa!

Mas "À espera de um Milagre" é muito bom! heuhehehe

Guilherme Osterkamp

RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3879 de 4006 < Ant | Próximo >

Penso que o Guilherme tocou no ponto chave: educação.

Desde os governos militares, o nível cultural do brasileiro tem caído MUITO. Tínhamos nas décadas de 30/40 uma arquitetura vanguardista de alta qualidade, que foi aplaudida no mundo inteiro. E isso não foi uma coisa que aconteceu por acaso; foi algo que se estabeleceu a partir de uma base sólida, que teve o apoio dos governos e das elites (financeira e intelectual). Estas "lideranças" eram encabeçados por pessoas que tinham um nível cultural bem acima da média do que temos hoje.

Daí ficamos chorando as pitangas de "inveja" dos vizinhos sul-americanos (com razão), pois não conseguimos nem chegar perto do que estão fazendo (com raras exceções). Apesar de quase todos os países terem passado por um processo de ditadura e tal, no Brasil a seqüela foi muito mais profunda.

Mas e daí? O que vocês acham que como arquitetos temos que fazer para mudar isso? Ainda dá tempo? Ou ficaremos apenas com o filme estrelado pelo Tom Hanks indicado pelo Lucas :P ?

Prof. Juliano Vasconcellos (Arq. Ms.)
Coord. Laboratório Computação Gráfica
Arquitetura | Design - Feevale

RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3880 de 4006 < Ant | Próximo >

RE: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Buenas, como já disse o Lucas, nem os próprios estudantes de arquitetura se interessam pelo assunto.

Mas, vamos escrever...

Eu acho que os meios de comunicação nada têm a ver com a situação da arquitetura. Na minha opinião, a função deles seria noticiar o que acontece de relevante. Claro que hoje em dia a mídia forma opinião, mas só forma opinião porque as pessoas atingidas pela mídia se deixam manipular. Aliás, os próprios jornalistas devem se sentir frustrados também, pois noticiar que a fulaninha (normalmente uma destas personalidades sem noção) foi almoçar com uma amiga e comeu salada com atum, deve ser um tanto broxante para os profissionais sérios. Dá para perceber que a situação é geral. A arquitetura é só mais uma área prejudicada. Isso só reforça que o problema é a educação. Agora, sobre o que fazer para reeducar o povo, minha opinião é meio radical, mas acho que funcionaria.

A arquitetura, assim como meios de comunicação, advocacia, publicidade, só são toscos porque profissionais das respectivas áreas são toscos. Se existisse algum órgão que regulamentasse o que pode ser feito, as coisas seriam mais organizadas, a meu ver.

Podem vir com aquele papo de que isso é voltar à ditadura, mas, se o prédio "neocrasso" de 50 andares que o cara quer construir vai ser visto todos os dias por todos os cidadãos, acho mais que do justo que tenha alguém que defenda o interesse da população de ver algo que tenha fundamento. Para se ter noção, isso não está tão fora da realidade, pois, quando se quer lotear uma área de terra, é a notícia sobre o empreendimento é publicada em algum meio de comunicação, qualquer pessoa que se sentir prejudicada pode solicitar esclarecimentos. Se realmente o empreendimento vier a prejudicar alguém, o projeto é embargado. Isso significa proibir.

A minha solução acaba aqui. Mas, como proibir não é algo que as pessoas vejam com bons olhos hoje em dia, iremos cair naquele papo de conscientização...

O problema é que a maioria das pessoas não se importa. A maioria dos estudantes de arquitetura não se importa com arquitetura; não vê relevância





na própria profissão. Não querem pensar sobre arquitetura, sobre a cidade. Isso me leva a crer que a maioria dos arquitetos não são ARQUITETOS, estão fazendo um curso pela formalidade de ter diploma superior, achando que vão ganhar muito dinheiro com isso, sem nem se importar com o exercício da profissão. O pior é que as chances de alguém assim ter “sucesso” na profissão é muito maior do que um carinha que faça tudo de forma extremamente correta.

Aí está o paradigma: como conscientizar os arquitetos de que eles devem arriscar-se a perder clientes para mudar a faceta atual da arquitetura? Eu não consigo convencer nem a mim mesmo sobre isso...

Marcelo Becker

RES: [arqfevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3881 de 4006 < Ant | Próximo >

Re: RES: [arqfevale] arquitetura x construção comercializada

Bom dia.

Ainda temos uma outra opção, que me parece interessante, mas um pouco difícil...hehehehe

Como a Ana Carolina mesmo disse em uma aula de história: “hoje em dia o cliente entra dentro da casa...sabe demais do projeto”...

E não é que é? Damos muita informação sobre o projeto para os clientes... O cliente entra dentro da casa, caminha, vê seu quarto com sua foto na parede, vê sua garagem com o seu carro dentro, sem dizer dele mesmo renderizado sorrindo frente a sua FUTURA casa....

Isso complica também... Aí o cliente começa a saber muito da casa dele, e começa a dar pitaco...fala sério né...? E tem coisa mais chata do que seu projeto se transformar, deixando de ser tudo aquilo que você projetou empolgadamente, para se tornar um projeto digamos assim, “casa e cia”?

E, se você “teimar” com o cliente certas coisas, ele te manda pastar... Ou seja, nós também temos nossa culpa. Criamos nossos próprios monstros... hehehehe

É difícil, mas a minha idéia seria projetar, apresentar plantas e fachadas, tudo em CAD, ou Vector (homenagem ao Juliano), e o cliente sem entender vai dizer “aham”....

Vamos lá pessoal, eles não precisam entrar em seus projetos...

Acho que assim conseguimos dominar o mundo de novo...BOA ARQUITETURA NOVAMENTE???

SERÁ? SERÁ?

E olha que antigamente era mais ou menos isso hein... Pouca informação pra o cliente, muito projeto bom...

Indicação de filme: "De volta para o futuro"

Exageros à parte,
abraços e bom findi....

Lucas Prates

RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3883 de 4006 < Ant | Próximo >

Re: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Bom dia! Estou acompanhando a discussão e resolvi dar a minha singela opinião.

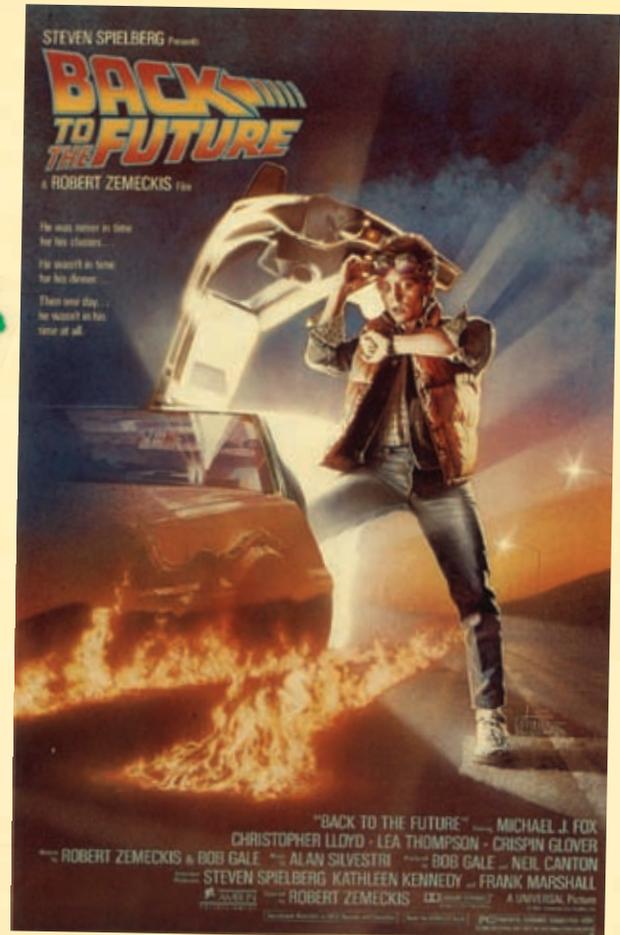
Concordo que a base de muitos problemas está na educação que se tem no nosso país. Antigamente a elite que detinha dinheiro também detinha conhecimento e o tal do "bom-gosto". Infelizmente, hoje em dia não é mais assim. Muitas vezes, quem tem dinheiro não tem conhecimento e o mesmo "bom-gosto". As coisas mudaram. E nós, ficamos à mercê?

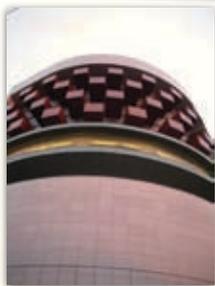
Acreidito que não. Esse assunto é delicado. Seria ótimo não ter interferência alguma em nossos projetos – não gostamos nem das interferências dos nossos professores – mas acho que não devemos ter medo disso, porque tanto com o cliente ou como professor, se temos um bom motivo, temos como defender nosso ponto de vista e o que fizemos. Isso vai da consciência de cada um, já que muitas vezes temos que vender o tal projeto, mas é a nossa vitrine o nome que aparece lá.

E quanto a proibir tais projetos, não é o caminho. Já existe diretrizes que devemos respeitar na hora de construir, e a cidade tem responsabilidade nisso, em escolher bem as interferências que querem ter. Acho que nas prefeituras, além de analisarem o projeto do ponto de vista técnico, ele deveria ser analisado teoricamente, quanto a suas referências e etc., ou setorizar a cidade por funções, estilos, sei lá. Mas é complicado definir estilos e preferências porque na verdade tudo é questão de gosto, e sempre dizem q gostos, sabores e amores não se discute.

Não sei qual seria o nome desse filme.

Bom findi,
Karen Kussler





RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3884 de 4006 < Ant | Próximo >

Re: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Bom dia!

Nossa! Quanta informação... quanta coisa para opinar....

Vou começar pela deixo do profe Juliano...

Na quarta à noite eu estava assistindo ao programa Saia Justa, do GNT e um dos temas abordados foi: o que você faria que, se todo mundo fizesse, melhoraria o mundo atual? E eu pensei: boa arquitetura! E pq não?

As pessoas, de uma forma geral, costumam dizer que não gostam daquilo que é desconhecido. Quantas vezes dizemos: não como isso pq não gosto. Não como aquilo pq não gosto.

Mas tu já experimentaste?

Não!

Não é assim que funciona?

E é assim em todos os aspectos da nossa vida. E quanto à arquitetura, não é diferente. Ok, os meios de comunicação influenciam as pessoas. E muito! Mas os coitados só estão fazendo o trabalho deles... vendendo o que está sendo produzido.

Mas agora, como é que a criatura leiga vai gostar de um negócio que não é apresentado a ela?

Minha mãe é o mais real exemplo... não entendia nada de arquitetura, não dava a mínima importância para os edifícios neoqualquercoisa nascendo, amaaaava baywindows, paredes chanfradas, e blábláblá. Depois de algumas conversas e explicações, ela está doutrinadíssima! Agora, sai na rua e até se dá o direito de opinar a respeito das edificações, se é boa arquitetura ou não.

Não concordo com a idéia de que teremos que abrir mão de clientes para tentar mudar a opinião em massa. Talvez eu tenha tido sorte, mesmo, até agora, mas sempre consegui "vender meus peixes" sem maiores problemas. Poxa vida! Passamos quantos anos dentro de uma instituição, ralando muito, e quando saímos não conseguimos explicar um bom projeto a ponto de conquistar o cliente? Vamos combinar que, daí, o problema é outro...

Desculpem, mas, penso eu que os maiores culpados dessa história toda somos nós, arquitetos (ou projetos de). Precisamos valorizar a nossa profissão! E essa mentalidade não é construída dentro da faculdade. Por mais que os profes tentem, a opinião da maioria é diferente e, pior, não estão abertos a mudanças. Como disse o Lucas, a galera não gosta muito de falar sobre isso. Claro! Não convém!

Tudo bem! O cliente seeeeeempre tem razão. Mas nós, aaahhh, nós temos a formação e, como consequência, muitas, muitas condições e obrigação de apresentarmos opções, no mínimo, plausíveis.

E é tão fácil! A gente aprende e testa tudo dentro da faculdade. Precisamos apenas aplicar aí fora.

Temos tantas boas produções arquitetônicas de anos atrás, no Brasil, que, por motivo ou outro se perderam-se no caminho da história. Mas são nossas raízes! Precisamos também, bater no peito e nos orgulharmos desses exemplares.

O Léo e eu, sempre que vemos um desses, nos perguntamos: será que um dia faremos produções tão boas assim? Aaaahhh, meu filho, te prepara, pq nós vamos! Hehehe!!! Brincadeira! E viva a boa arquitetura! Eu acredito nela!

Arq. Maria Rita Soares

RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3885 de 4006 < Ant | Próximo >

Re: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Muito bom o que falaste, Rita!
Ótimo ótimo ótimo!
Concordo em tudo.

Essa questão de “doutrinar” as pessoas ao nosso redor funciona... E não sou só eu que diz isso. Minha “panela” do curso, como não vive junto somente dentro da instituição, já trouxe para o meio, assim como já influenciou e modificou várias opiniões de pessoas... Pais, amigos, namorados, namoradas, afins...

Perguntar se seremos capazes de produzir algo tão bom ou melhor? Pois é, me pergunto sempre tb. Quase entro em depressão por achar que não conseguirei. Mas daí me lembro de todas as cadeiras, e vejo que é muuuuuuuuuuito simples. Não é difícil projetar. É bom, é ótimo. E falo de projeto bom, hein...

Só mais uma coisa (no geral): não me venham dizer pelos corredores que tal cadeira é difícil, que esse ou aquele professor é um chato e nunca está nada bom... Que isso me irrita... hehehehe... (até hoje não conseguiram me fazer desistir do curso). O que existem são matérias que uns gostam mais, outros menos.

Cuidado, aí podem estar surgindo os profissionais que tomam conta do mundo hoje em dia...

abraço

Lucas Prates



Re: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3888 de 4006 < Ant | Próximo >

Só pra dizer um sincero "É ISSO AÍ!" para o e-mail da Maria Rita. :-)

Prá começarmos a mudar a situação, nada melhor do que acreditar nas nossas convicções e princípios.

Pôxa, estamos aqui prá quê? Não só para aprender, mas para criticar, mudar, opinar, pensar e sermos ouvidos.

Essa discussão tem muito o que render ainda! \o/

Guilherme Osterkamp

RES: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3892 de 4006 < Ant | Próximo >

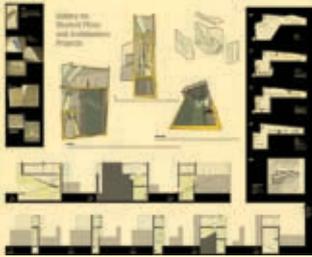
Lucas e outros...

Assunto bem complicado

Nós profissionais da construção, assim como os médicos, dentistas, advogados, temos o dever de explicar tudo direitinho para o nosso cliente - não tem outro jeito não! O mundo mudou e não tem como voltar atrás quanto ao acesso às informações, mídias, etc...

Sempre apresentei para meus clientes um bom projeto, bem explicado, constando de plantas baixas, muitos cortes e as 4 fachadas, acompanhados de uma perspectiva - no máximo duas. Poucas vezes - e só quando sentia dúvida deles - apresentava uma maquete! É claro que isto precisava também constar no escopo de meu contrato com eles!

Hoje também utilizo do 3D que permite levá-los e conduzi-los pelo interior das suas casa e acho que a ferramenta só ajuda a vender o projeto e ganhar o cliente. Não concordo que, quando o cliente conhece demais, dá mais "pitaco". Acho que é o contrário e, sempre que ele tiver dúvida, vai solicitar mudanças, sem explicar muito bem o porquê! Isto é real e incomoda muito mais! Portanto, acho mesmo, nos meus 24 anos como profissional e atuando com projetos residenciais, clínicas médicas, interiores residenciais e comerciais, que o nosso ganho vai estar em fazer um projeto adequado às necessidades de nossos clientes, sem perder nossas características projetuais e sem deixar se envolver por "tendências ou modismos" e, principalmente, passar segurança para quem nos contrata, evidenciando a responsabilidade que temos ao sermos contratados para desenvolver o espaço onde nosso cliente precisa atuar, quer seja em seus momentos de lazer ou de trabalho ou ainda o mais importante: o espaço onde vive. Pense nisto e continue mostrando bem os seus projetos!



E, claro, cada vez com mais qualidade, pois, se somos pagos para pensar e projetar, temos o dever de fazer o melhor para quem nos paga e também temos o dever de dizer a verdade, assim como o médico também diz. Isto não é para ti ou isto não tem nada a ver com o que estamos pensando para tua casa, etc... se o cliente confia, ele delega. Se não, temos a opção de não fazer! Penso que isto é melhor do que trabalhar pelo dinheiro apenas! Certamente não nos tornaremos um profissional feliz e realizado se deixamos os leigos nos comandarem - sei que não foi isto que quiseste dizer! um abraço.

Profª Suzana Vielitz de Oliveira

RES: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada
Lista de mensagens

Responder | Encaminhar | Apagar

Mensagem #3893 de 4006 < Ant | Próximo >

Re: RES: [arqfeevale] arquitetura x construção comercializada

Bom dia a todos.

Acredito que com boa parte do que já falamos aqui todos concordem.

Porém, uma coisa parece não ter ficado clara sobre a minha opinião em relação à arquitetura dos dias de hoje.

Sei o papel que devemos cumprir e, como futuro profissional, tentarei cumpri-lo. Mas acho que isso é uma coisa que não depende somente de nós, arquitetos. Concordo com o fato de “doutriinar” as pessoas ao nosso redor, concordo com o fato de “seduzirmos” os clientes e fazê-los aceitar nossa opinião, concordo que será a melhor saída; interpretemos assim.

Mas eu diria que isso ocorre em um a cada dez projetos.

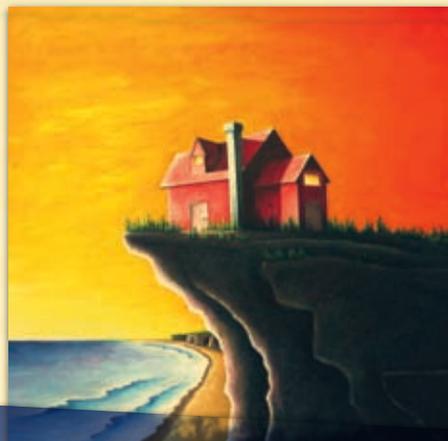
Aos profissionais, parem e pensem em quantos projetos realizados vocês conseguiram aplicar todo seu conhecimento, fazendo o cliente aceitar e entender que vocês realmente estão certos. Nenhuma dessas vezes o cliente reclamou de custos? Formas? Tendências? Modismos?

O que vocês falaram? Eles mudaram de opinião? Aceitaram seu projeto?

O que eu vejo é que o cliente muitas vezes tem um sonho, as vezes esse sonho é ter uma casa “neoqualquercoisa” como diz a Rita. E aí, quem brinca com sonhos? Quem modifica sonhos? Eu não consigo....

E quem aqui está disposto a perder cliente para o concorrente, que além de fazer o projeto que o cliente quer, fará um preço mais baixo?

Picaretas? Podem ser, mas também podem ser profissionais dispostos a aceitar a idéia do cliente, para poder “fechar negócio” a fim de resultados financeiros...E outra, picareta pra mim é aquela pessoa “desenhista” que não





tem formação, e manda um profissional apenas assinar... O que resto são todos profissionais.. Uns qualificados, outros não...

Sei que temos o poder de mudar algumas idéias do cliente, mas em poucas das vezes. Muitas vezes eles chegam com a casa na revista, e sabem que esta pode se adaptar ao seu terreno, sim. Aceitam nossas idéias, mas no final você não fica satisfeito. E aí, não projeta? Indica um outro "profissional" para seu cliente?

É difícil não se preocupar com dinheiro, e somente com a realização profissional. Se fosse assim eu estaria fazendo trabalhos voluntários ajudando pessoas nas ruas em busca de uma satisfação própria. Não é ironia de minha parte, e sim, grande vontade que tenho. Porém, o mundo me obriga a ser um profissional para que um dia tenha condições de ajudar a outros, sem que eu precise depender de alguém, muito menos de qualquer órgão público para estabelecer essas conquistas.

Trabalho principalmente com arquitetura popular, e não vejo problema em questionar o cliente e fazê-lo mudar. Eles aceitam muitas idéias. Mas nós nunca deixaremos um projeto 100% nossa cara.

Me questiono e questiono todos vocês, mas não a partir de minha experiência, que é muito pouca. E, sim, em relação ao mundo arquitetônico que se ergue ao nosso redor.

Óbvio que todos aqui vão tentar projetar arquitetura de qualidade. Isso é mais que óbvio. Não venho aqui para desvalorizar a instituição e o canudo que nos é dado no final. Mas, infelizmente, não adianta ignorarmos as "necessidades" reais que os clientes nos apresentam.

Eu me preocupo com a situação, e espero poder mudar. Mas pra isso eu não serei um arquiteto que me negarei a projetar "arquitetura comercial" por "ética" profissional.

Isso se eu não ganhar na Mega Sena. Caso contrário, como não poderei viver somente de felicidade, vou aceitar muitas coisas. Como já dizem "CLIENTE SEMPRE TEM RAZÃO".

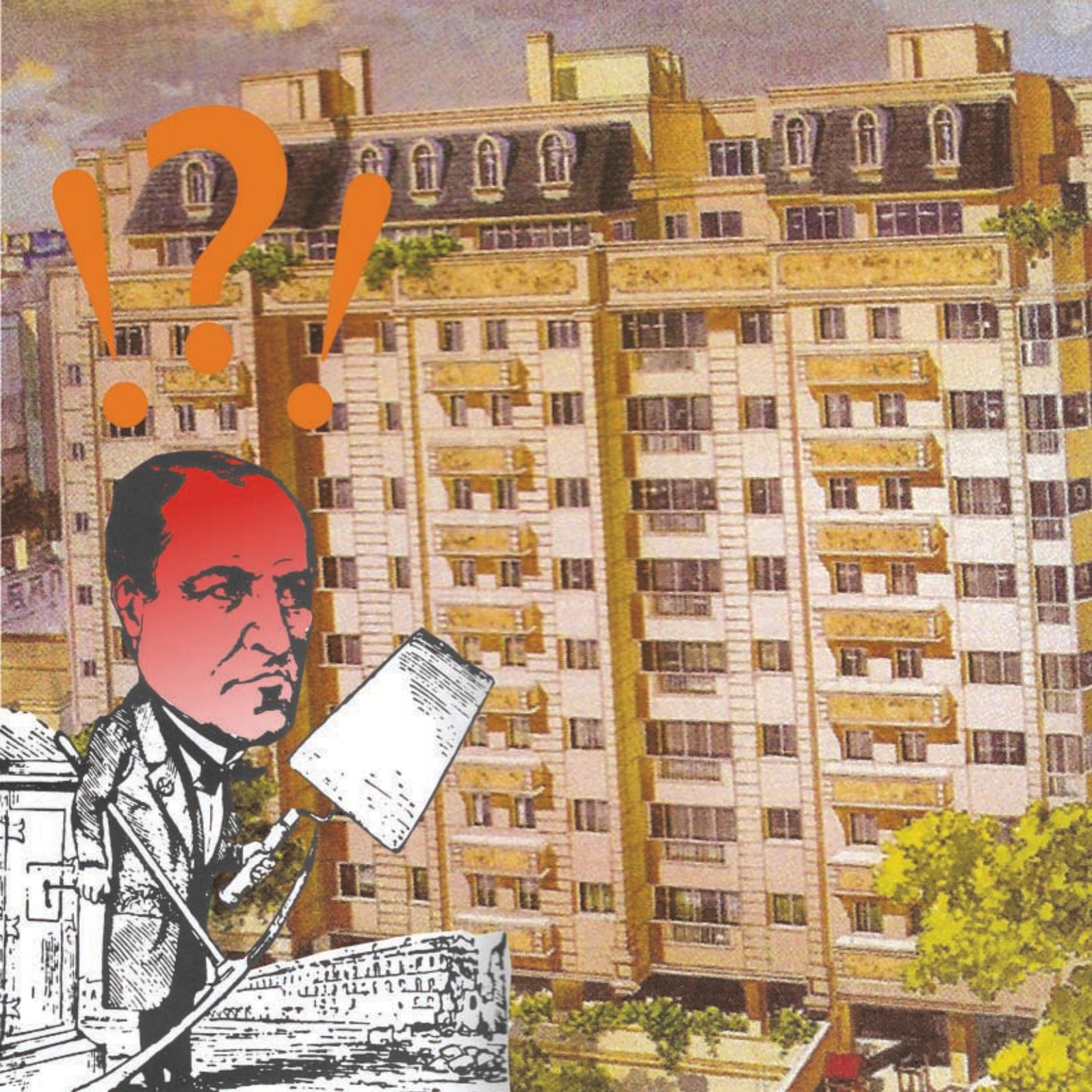
Abraço a todos e boa semana...

Lucas - aquele que gosta de falar, debater, aceita criticas, e não, não fica bravo...

hehehehehehe

[As imagens deste artigo pertencem ao acervo do autor]







Vila Palmeira:

proposta de reurbanização e habitação social

Experiência do curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale

ALESSANDRA MIGLIORI DO AMARAL BRITO E VINICIUS DE MORAES NETTO

O tema do Bloco (4), Arquiteto e Sociedade, vem ao encontro de um trabalho interdisciplinar que as turmas de Planejamento Urbano 3 e Projeto Arquitetônico 7 desenvolveram ao longo do segundo semestre de 2007.

As atividades versaram sobre a questão da reurbanização de assentamentos precários, bem como sobre a habitação social – dois temas de fundamental importância num momento histórico mundial em que a população urbana é maior do que a população rural. Em países do chamado Terceiro Mundo o crescimento exacerbado das cidades é mais problemático, pois se dá sem nenhum planejamento, criando espaços de pobreza e miséria (FAVARO, 2008). Logo, a recuperação de assentamentos degradados em áreas urbanas representa um desafio para a nova geração de arquitetos, já que as favelas e assentamentos precários têm crescido consideravelmente, tornando inviável uma remoção generalizada (ABIKO *et al.*, 2002) como acontecia no início do século passado.

Dentro deste contexto e aliadas ao caráter comunitário desta instituição de ensino, foram fomentadas, no curso de Arquitetura, discussões a

respeito de atividades de ensino que buscassem proporcionar aos acadêmicos o contato com uma demanda real de projeto e cuja produção projetual pudesse servir para melhorar as condições de vida de populações de baixa renda.

Por vocação, as disciplinas acima citadas, ambas do nono semestre, que já se ocupavam do tema “habitação social”, foram selecionadas para a realização da primeira experiência, que será apresentada a seguir.

1. A área de intervenção

A seleção da área de intervenção foi feita a partir de reuniões com o Arquiteto e o Assistente Social da Secretaria de Habitação da Prefeitura de Novo Hamburgo. Buscávamos grandes áreas públicas para o desenvolvimento de projetos de urbanização e de conjuntos habitacionais populares. Entretanto, para nossa surpresa, estas áreas são praticamente inexistentes na cidade. Além disso, muitas das praças alocadas nos bairros periféricos e populares foram invadidas e constituem áreas degradadas, faveladas e com péssimas condições de habitabilidade, necessitando de intervenções urgentes. Foi-nos apresentado, naquele momento, um desafio: trabalhar com a re-



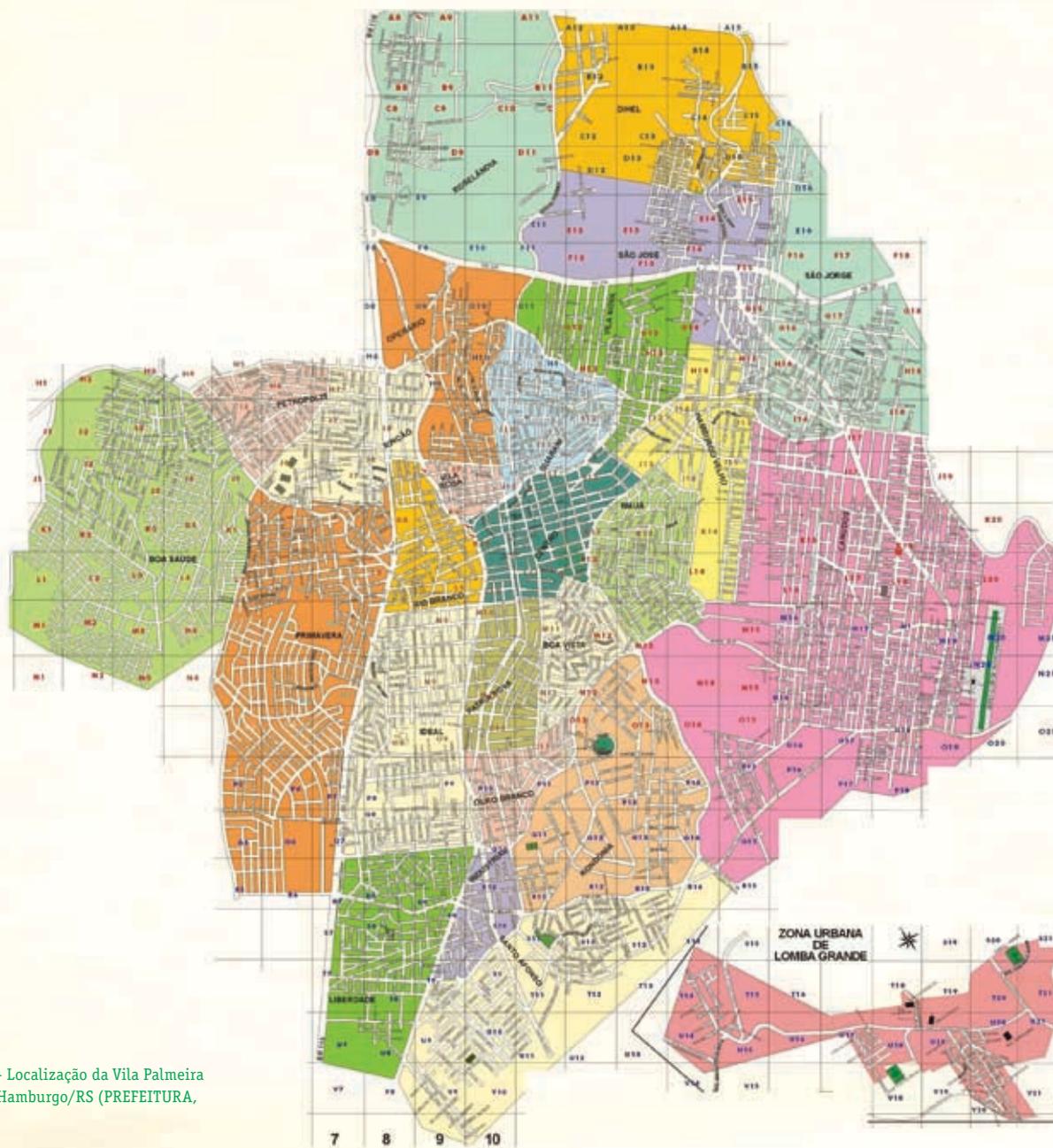


Figura 1 - Localização da Vila Palmeira em Novo Hamburgo/RS (PREFEITURA, 2007)

urbanização na Vila Palmeira, no Bairro Santo Afonso.

Esta área, de propriedade privada, encontra-se situada quase na divisa com a cidade de São Leopoldo, tendo sido ocupada há cerca de 20 anos por pessoas vindas das cidades vizinhas, e também do oeste do Estado, em busca de emprego no setor calçadista. Estes trabalhadores, sem acesso à “cidade legal”, viram na Área de Preservação Ambiental (APA Sul) uma maneira barata de se estabelecer, e assim o fizeram, nas proximidades do arroio Luiz Rau, em área baixa, alagadiça e sujeita a inundações.

Primeiramente, a ocupação aconteceu próxima à malha urbana existente e, com o passar do tempo, foi-se expandido sobre a Área de Preservação. Assim, a vila é constituída por quadras auto-prodizadas, com traçado orgânico, o qual origina alguns quarteirões com becos, arrançados segundo o conhecimento dos moradores, que densificaram o local com sub-habitacões.

Ocupada inicialmente por trabalhadores, a Vila Palmeira abriga hoje cerca de 2000 famílias e aproximadamente 7000 habitantes. Grande parte destas pessoas está

desempregada em função da crise no setor calçadista, e/ou vive da coleta do lixo. Por estes motivos, e pela complexa configuração da sua malha, atualmente a Vila Palmeira é considerada pela população de Novo Hamburgo um dos bairros mais violentos da cidade. Isto representou uma dificuldade a mais a ser enfrentada.

Pela complexidade social e morfológica da Vila e devido à sua extensa área de ocupação, concluímos que um semestre letivo não seria suficiente para desenvolver o projeto arquitetônico e urbanístico da vila como um todo, que apresentasse nível de detalhamento compatível com o tema e exigência das disciplinas de nono semestre. Optamos, então, por trabalhar em dois quarteirões com características diferentes. Devido aos seus formatos, os identificamos como o “Quarteirão Gordo” e o “Quarteirão Magro”. O primeiro possui 24.200m², configurando-se como um quarteirão com geometria irregular de centro bastante largo. O segundo possui geometria quase retangular, assemelhada a uma fita, com área de 11.307m².



Figura 2 – Imagem aérea: Bairro x Vila (adaptado pelos acadêmicos do GOOGLE EARTH, 2007)



Figura 3 – O quarteirão Gordo e seus becos (adaptado pelos acadêmicos do GOOGLE EARTH, 2007)

1.1 O Quarteirão Gordo

Encontra-se implantado em uma área mais consolidada da Vila, apresentando mescla de casas em bom e mau estado de conservação, além de possuir vários becos que dão acesso às habitações situadas no seu miolo, em geral, em más condições de habitabilidade. Conforme entrevistas realizadas pelos professores e acadêmicos com os moradores, a ocupação deu-se da borda para o centro do quarteirão em virtude do banhado ali existente. A necessidade de aterro no centro deste foi um empecilho para a rápida ocupação, mas com a chegada de novas famílias isto acabou tornando-se inevitável.

Conforme relato de um antigo morador, para resolver a questão de acesso ao ponto central do quarteirão, vielas e becos foram abertos, com o consentimento dos vizinhos, através de acordos de camaradagem, demonstrando o espírito de solidariedade entre eles.

1.2 O Quarteirão Magro

Está localizado na parte de baixo da Vila, na área mais recentemente invadida, mostrando a direção de expansão. A forma longilínea do mesmo configura uma ocupação em fita, que não enseja a formação de área residual no centro. Pela mesma

razão, também não se observam vielas ou becos. Nesta parte da Vila, de habitações mais recentes e, portanto, frágeis, moram os catadores de lixo, que sobrevivem da reciclagem. O acúmulo de detritos, carroças, cavalos e o esgoto a céu aberto, próximo às residências, contribuem para criar uma imagem urbana bastante degradada nesta parte da vila. No projeto de requalificação do quarteirão Magro, as habitações são de difícil aproveitamento devido ao péssimo estado de construção, conservação e habitabilidade.

2. O Método de Trabalho

Definidas as áreas a serem estudadas, os professores das disciplinas trabalharam conjuntamente no sentido de alinhar os conteúdos e cronogramas das aulas. Os textos para propiciar o *embasamento teórico* dos trabalhos estiveram relacionados a Estudos de Caso e Projetos Referenciais relativos a situações de re-urbanização semelhantes à da Vila Palmeira, Regularização Fundiária, Avaliação Pós-Ocupação em Conjuntos Habitacionais, bem como a textos sobre dinâmicas de produção e estruturação urbana e análises críticas de projetos de habitação social. Workshops para discussão dos textos e projetos, além do compartilhamento de idéias, também foram realizados.

As Visitas à Vila tiveram por objetivo conhecer o local, levantar informações e conversar com os moradores. Entretanto, como cuidado antes de realizarmos os levantamentos *in loco*, agendamos reunião com o Presidente da Associação dos Moradores para explicar a proposta de trabalho e para pedir seu auxílio na divulgação da nossa presença na vila. O uso de carro e jalecos com identificação da Feevale, o acompanhamento do Arquiteto e/ou Assistente Social e a escolta do carro da Prefeitura, foram também as soluções encontradas para anunciar nossas visitas. Desta maneira, conseguimos realizar os levantamentos necessários e percorrer com segurança todos os becos do Quarteirão Gordo, já que as imagens aéreas disponíveis através da ferramenta Google Earth não nos davam uma clara noção da extensão destes.

A oficina com os moradores foi uma etapa muito importante, embora não tenha tido uma participação tão expressiva quanto gostaríamos. A atividade foi realizada na sede da Associação dos Moradores. Convidamos as pessoas a participarem através de carta informal, entregue para alguns moradores líderes a fim de distribuí-los para seus vizinhos, além de fixar

cópias no mercado mais freqüentado do bairro. Mesmo com a pequena participação popular, os resultados foram muito proveitosos. A oficina foi realizada em cinco etapas. A primeira consistiu em explanação das nossas intenções a fim de não gerar falsas expectativas. Na seqüência, foi destinado um tempo para que os moradores falassem sobre a Vila. Primeiramente, dos aspectos negativos e, posteriormente, dos positivos. A terceira etapa organizou-se em função de dinâmica que propiciou mostrar aos habitantes, através de cartazes e fotos, imagens de tipologias arquitetônicas, questões de infra-estrutura e equipamentos urbanos, bem como alternativas de fonte de renda para os moradores da vila. Cada morador assinalou as imagens de seu interesse, as quais foram posteriormente agrupadas e tabuladas segundo “tipos”. A quarta etapa consistiu na aplicação de um questionário. Finalmente, organizamos uma confraternização. Posteriormente, todas as informações coletadas foram reunidas e discutidas, e nos serviram como aporte nas decisões de projeto.



Figura 4 – O quarteirão Gordo e seus becos (adaptado pelos acadêmicos do GOOGLE EARTH, 2007)



Figura 5 - Um dos becos do Quarteirão Gordo.

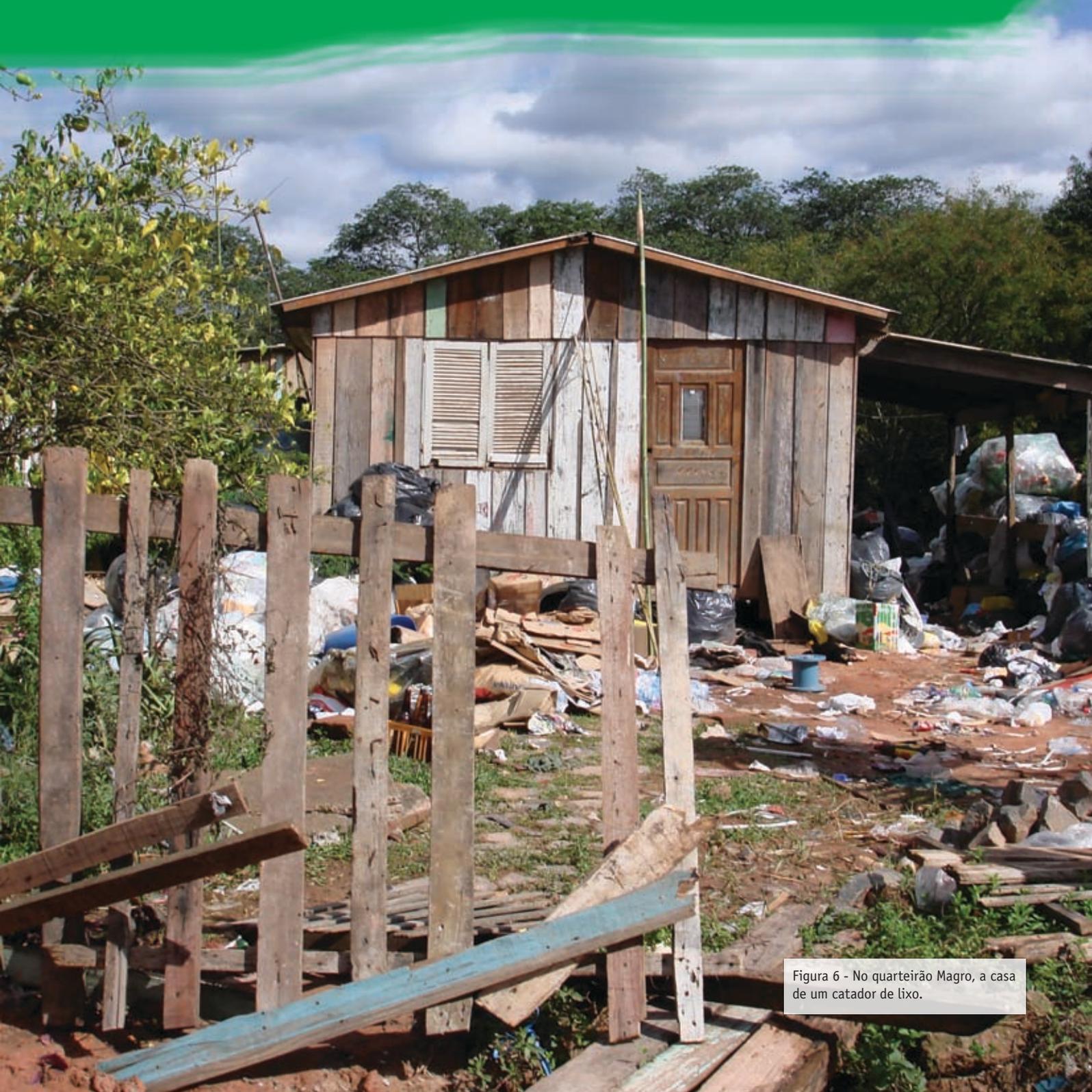


Figura 6 - No quarteirão Magro, a casa de um catador de lixo.



Figura 7 - O Esgoto a céu aberto na frente das casas do Quarteirão Magro.

Em virtude do tamanho pequeno da turma, 4 alunos, decidimos montar duas estratégias de projeto. Na disciplina de “Projeto Arquitetônico 7”, portanto, foram formadas duas duplas, de forma que cada uma trabalhasse num quarteirão, propiciando, assim, a experiência de se projetar em equipe, bem como uma maior produtividade, já que o nível de detalhamento exigido é alto. Para a disciplina de planejamento urbano, o trabalho envolveu um único grupo.

2.1 Planejamento Urbano 3 - Reconexão urbana e experimentação em habitação coletiva

Um dos desafios do grupo foi o de enfrentar, diante de exercício de projeto geral para a requalificação da Vila Palmeira, um dos problemas mais graves encontrados em áreas de ocupação irregular: as relações entre vila e cidade formal. Vilas e favelas costumam ter vida social interna intensa, enquanto suas conexões com a cidade (socialmente e espacialmente) costumam ser mais frágeis. Uma das perguntas que nos colocamos relaciona essas duas observações – se a socialidade da vila intensifica-se exatamente em função da redução de amarras com socialidades da cidade formal. O contato dificultado entre cidade

e o âmbito da vila poderia implicar o reforço dos laços sociais entre moradores? E, pelo contrário, o aumento das conexões físicas entre vila e cidade poderia dissipar a vida social da vila? Nosso estudo baseou-se em algumas constatações alimentadas por estudos da relação entre sociedade e espaço, segundo os quais diferentes socialidades produzem estruturas espaciais (arranjos de quarteirões e ruas) para sua própria reprodução (HILLIER E HANSON, 1984). Grupos mais auto-centrados produzem estruturas que terminam por intensificar o contato interno, e enfraquecer o contato com outras agências da cidade – uma forma de controlar, naturalmente, o volume de encontros com estranhos, por exemplo. Essa forma de controle do seu território através da baixa acessibilidade para o exterior parece também favorecer as redes criminosas, que se valem dessas propriedades espaciais para manter cativa, inclusive, a própria população da área.

Uma ligação vila-cidade
problemática – difíceis conexões, ruas tortuosas, interrompidas, como nas curtas ruas e baixa visibilidade na entrada da Vila Palmeira – gera baixa acessibilidade e desestimula naturalmente o movimento de estranhos na área. Logo, depois



Figura 8 – Equipe da Feevale acompanhada do Assistente Social, de seu auxiliar e do presidente da Associação de Moradores no dia do levantamento *in loco*.



Figura 9 – Pesquisa da célula:
Regra Associativa (MARQUES,
2007)

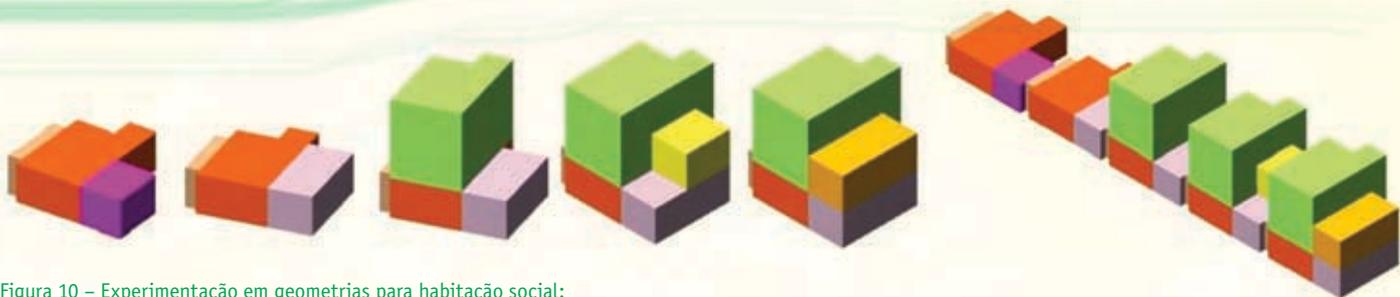


Figura 10 – Experimentação em geometrias para habitação social: conceituação, celularização, associação e a proposta de unidade com máxima compactação e flexibilidade de arranjo - Análise: Depthmap® (KRAKE, 2007)

dessa sutil desconexão física (portanto, visual e de mobilidade), uma trama de ruas internas, de geometria de angulações variadas, converge pedestres e concentra atividades (comércio e serviços) em uma hierarquia natural de ruas e áreas, uma distribuição eficiente ao longo das ruas mais acessíveis – uma estrutura de malha e atividades não-planejada – *auto-organizada*. Cabe ao grupo propor, no seu exercício de intervenção projetual, elementos de integração vila-cidade sem afetar esse tecido sócio-espacial particular. Uma série de propostas de conectividade e acessibilidade foi desenvolvida no atelier, tendo seus diferentes impactos de acessibilidade, integração e segregação espacial simulados em *software* específico, o **Mindwalk®**; e seus impactos de visibilidade para o pedestre testados no **Depthmap®**. Assim, o grupo pôde pesquisar modificações no traçado da malha, com aberturas pontuais de ruas que provocassem mínima relocação de habitações pré-existentes, frente à intenção de integração vila-cidade, reduzindo problemas de acessibilidade e visibilidade, de forma a reforçar as ruas internas da vila que já apresentam papel fortemente distributivo no movimento pedestre e veicular. Sem prejudicar, portanto,

a hierarquia natural das ruas da vila, e suas diferentes capacidades de concentrar movimento e atividades. Assim, preserva-se a distribuição espacial e níveis de co-presença e encontros que constituem a vida social intensa da comunidade. Seguindo a estratégia de integração vila-cidade, o estudo do traçado estendeu-se na **pesquisa tipológica habitacional**. Os objetivos foram o de **experimentar** com tipologias que não estigmatizem o futuro morador, através de uma *integração visual com as tipologias da cidade*, e que atendam aos seguintes requerimentos:

- a) *Densificação* em taxa adequada à demanda por habitação social na região.
- b) *Compacidade* do arranjo (relação entre perímetro de fachadas e área dos conjuntos).
- c) *Celularização* não perdulária (relação entre testada e profundidade da habitação), através de:
- d) *Controle da extensão de fachadas e canais de acesso* através de regras associativas entre células que reduzam custos de infra-estrutura e a extensão das ruas (GALVÃO, 2002), evitando rua em forma

de “serpentina” e fragmentação da malha (desconexão entre ruas internas da área e ruas do entorno), e quarteirões de grão menor que o usual em tecidos do entorno – elementos de fratura entre áreas, e de geração de guetos urbanos projetados acidentalmente (AGUIAR, 2003).

Outro objetivo foi a **pesquisa de celularização e regra associativa** (GALVÃO, 2002) no que chamamos *jogos combinatórios* – estudos da geometria do *layout* da habitação e sua composição (tanto tridimensional quanto na implantação) em conjuntos que também previssem o rápido crescimento familiar e conversão entre atividade residencial e atividade comercial, apresentando assim flexibilidade na sua geometria para futuras ampliações ou troca de usos sem perda de qualidade de conjunto – contemplando os requerimentos mencionados. Pesquisou-se também a geometria interna da célula, incluindo visibilidade e acessibilidade interna, no sentido de entender que partes da habitação teriam maior centralidade em relação às demais. Parece desejável que ambientes coletivos (sala e circulação) tenham esse papel. Essa pesquisa deu-se de forma crítica, e desvinculada da cultura construtiva local em habitação social.

2.2 Projeto Arquitetônico 7 – Reurbanização e Projeto da Unidade Habitacional

Enquanto a disciplina de Planejamento Urbano 3 tratou de uma intervenção mais geral no traçado viário da vila visando à integração com o bairro, assim como propiciou a livre experimentação de novas tipologias habitacionais, a disciplina de Projeto Arquitetônico 7 buscou entender a ótica da requalificação urbana e a habitação de interesse social com uma abordagem mais realista, próxima de uma situação exequível. Estas duas estratégias possibilitaram aos acadêmicos, circular num espectro de situações extremas: da experimentação à concretização.

As principais premissas de projeto foram as de **manter a comunidade** no local e não desprezar o **histórico de ocupação da vila**. Dessa maneira, o novo traçado viário levou em consideração, quando possível, os percursos já estabelecidos, as redes de água e energia implantadas e as habitações em bom estado de conservação, buscando, também, reduzir os custos da reurbanização. Os registros das visitas e dos levantamentos foram instrumentos fundamentais para a tomada de decisão do que deveria permanecer e daquilo que deveria ser relocado.

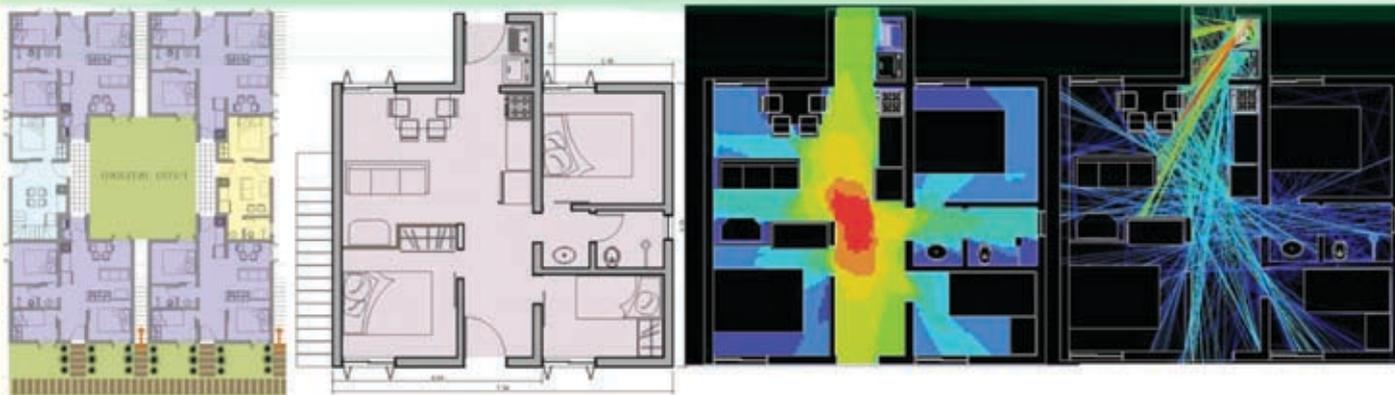


Figura 11 – A célula: a regra associativa, a visibilidade e o exame de acessibilidade interna da unidade habitacional - Análise: Depthmap® (MARQUES, 2007)

Frear a ocupação na área de Preservação Ambiental também foi uma estratégia adotada. Contudo, outros princípios norteadores foram levados em consideração no processo de projeto da habitação social, como o público alvo, a ampliação da casa, tamanho x custo, o conforto térmico e o uso de processo construtivo racionalizado, que serão brevemente comentados a seguir.

As pesquisas de Avaliação Pós-Ocupação em Habitações de Interesse Social têm mostrado que as residências unifamiliares, em geral, sofrem alterações em função dos projetistas não conhecerem o perfil e as necessidades dos futuros moradores (MEIRA E OLIVEIRA, 1998; REIS, 1995; SZUCS, 2002) Logo, o arquiteto projeta para um cliente “imaginário”, do qual ele conhece apenas a sua faixa de renda salarial. Tentando modificar este paradigma, buscou-se propiciar aos acadêmicos diversas formas de conhecer melhor o **público alvo** do projeto. Para tanto, utilizamos entrevistas com os moradores da vila, bem como informações obtidas na oficina. As visitas *in loco* também nos ajudaram a coletar informações importantes que não obtivemos através do contato direto com os moradores, como a pequena presença

de carros e o uso recorrente do fogão à lenha, principalmente nos quarteirões estudados. As pesquisas de Avaliação Pós-ocupação em conjuntos habitacionais populares também nos ajudaram a conhecer os acertos e erros em projetos já construídos. Uma das questões recorrentes nestas pesquisas é que, inevitavelmente, as residências unifamiliares sofrem alterações com o passar do tempo e estas ocorrem por diversos fatores, dentre os quais: tamanho reduzido da edificação para o número de moradores e suas necessidades; a possibilidade de a casa deixar de contar exclusivamente com a função de moradia e passar a abrigar comércio ou serviço; o casamento dos filhos e a agregação da nova família; a necessidade de abrigo para o carro, entre outras. As alterações em residências multifamiliares também ocorrem, mas são menos frequentes devido à pouca flexibilidade da planta. Mas, quando acontecem situam-se principalmente no térreo, nas áreas de ajardinamento, pátios ou áreas públicas residuais próximas às edificações. Portanto, se as **modificações** são inevitáveis, a chave do problema é planejá-las no projeto original, a fim de que possam ser realizadas sem causar prejuízos à habitabilidade da edificação. Sabe-se que o custo das alterações

de projeto tende a ser maior do que os custos para prover espaços semelhantes nos projetos originais. SZUCS (1998) verificou que um dos problemas frequentes nos projetos é que a cozinha e o banheiro, em geral, encontram-se na parte posterior da casa, justamente no sentido da ampliação. Isto acarreta a demolição e a relocação de dois ambientes importantes da residência devido à sua função e ao valor construtivo. Estes ambientes, quando mal planejados e reconstruídos, podem se tornar insalubres devido à pouca ou ineficiente insolação e ventilação. Logo, a solução é não projetá-los no sentido da expansão da casa de modo a preservar as instalações e a salubridade dos mesmos.

Outro fator determinante na habitação social é o seu **tamanho**, que geralmente não supre as necessidades dos usuários. Embora entidades de países europeus recomendem uma área útil mínima de 10 a 13,7 m²/morador para uma casa de 4 pessoas (ORNSTEIN e CRUZ, 2000), no Brasil esta metragem tem se apresentado inferior, cerca de 9,0 a 10,5 m²/morador em empreendimentos do tipo PAR (Programa de Arrendamento Residencial) e PSH (Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social). Tendo como base uma

metragem útil mínima de 10m²/morador, foram propostos os projetos pelos acadêmicos. Mas, para otimizar o uso desta restrita área, estudamos o conceito de Flexibilidade.

O estudo do **conforto térmico** e da ventilação cruzada, geralmente negligenciados em projetos de habitação social, foi um item exigido neste trabalho. Para tal, foram realizados os mapas de insolação das unidades habitacionais em dois horários nos períodos de inverno e verão de modo a estudar as situações mais críticas. Outras estratégias adotadas foram o uso de ventilação cruzada e a coleta e re-uso da água da chuva para abastecimento das bacias sanitárias e torneiras de jardim.

A etapa final da disciplina propôs o desenvolvimento do **projeto executivo** da unidade habitacional utilizando um **sistema construtivo racionalizado**, neste caso, os blocos de concreto. Também foi solicitado aos acadêmicos que os projetos complementares fossem compatibilizados com o de alvenaria buscando verificar a exigüidade do projeto dentro do **orçamento** e sistema propostos. Assim, foram desenvolvidas plantas das fiadas, elevações, detalhamentos pertinentes ao sistema construtivo.

Este método de trabalho oportunizou aos alunos o exercício de várias áreas do conhecimento durante o semestre (arquitetura, urbanismo e tecnologia), encerrando o ciclo de projeto com um nível de maturidade projetual bastante satisfatório.

Assim como as ruas orgânicas e labirínticas dos becos da Vila Palmeira foi o nosso semestre em relação ao planejamento das aulas. Inicialmente, as nossas “visuais” do processo projetual eram limitadas, pois não conhecíamos o território e os moradores. Mês a mês, em conjunto, fomos “descobrimo” o caminho para a solução do dilema. O envolvimento, a dedicação e o comprometimento dos alunos foram fundamentais neste processo de construção do conhecimento. O desafio foi vencido!

Os textos e as imagens a seguir mostram as soluções em relação à reurbanização e à unidade habitacional do Quarteirão Gordo, desenvolvida pelos acadêmicos Leonardo Giovenardi e Márcia Marques.

O projeto urbanístico do Quarteirão Gordo:

O projeto visou a urbanizar a malha existente através do alargamento dos becos (vias preferenciais de



Figura 12 – Mapa Figura/Fundo do Quarteirão Gordo (GIOVENARDI E MARQUES, 2007)

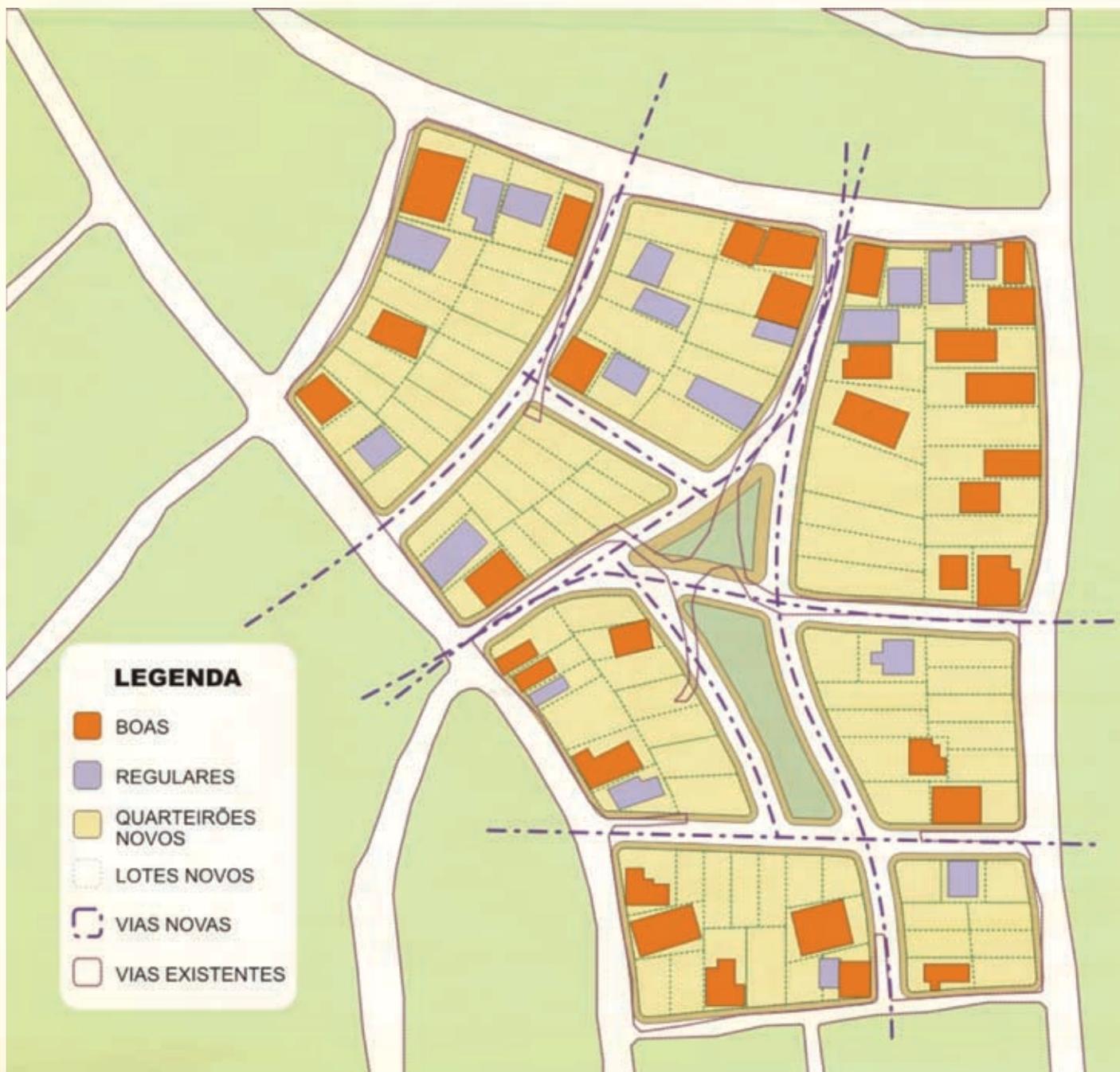


Figura 13 (página anterior) – Proposta de parcelamento do solo, abertura de vias e criação de área verde central (GIOVENARDI E MARQUES, 2007)

pedestres), transformando-as em ruas. Para tanto, foi necessário remover algumas edificações em estado regular e todas as residências em estado precário foram substituídas por novas. As remoções foram avaliadas após estudos de viabilidade de abertura de vias, a fim de proporcionar melhor conexão entre os moradores do quarteirão e as vias de principal fluxo. Também a análise de habitabilidade das residências foi importante para decidir o que deveria permanecer e o que deveria ser substituído.

Através da setorização da área, novas quadras foram criadas. Estas são separadas por ruas de passagem de veículos e de pedestre que se encontram no centro da grande quadra em duas praças que integram os habitantes do local. A intenção de criar as praças no centro do quarteirão é fazer com que os moradores voltem seus olhares para o local de morada, além de proporcionar um espaço de convívio para as pessoas. Servem como um espaço de “respiro” no quarteirão, visto que a vila possui raros espaços públicos de lazer.

O projeto arquitetônico do Quarteirão Gordo:

Após as visitas *in loco*, verificamos que este quarteirão é formado

por lotes irregulares e elementos edificadas com a mesma altura, contando com grande variedade de materiais, que transmitem a sensação de irregularidade e desorganização. Este “Patchwork” criado pelos moradores é visível através da diferenciação dos materiais e texturas das edificações e acabou por inspirar-nos para o desenvolvimento do conceito do projeto arquitetônico. Assim, o projeto foi intitulado “Alegria do Movimento”. Alegria, por estar valorizando o próximo, proporcionado, através da arquitetura, mais humanidade e dignidade. As cores escolhidas para as fachadas tiveram por objetivo colorir o quarteirão enchendo-o de vida, assim como o “Patchwork”. O Movimento foi proporcionado pela junção de tipologias de diferentes alturas, dispostas duas a duas. Outros elementos importantes na volumetria da edificação foram as adições laterais relativas aos banheiros. A intenção de destacá-los na fachada foi o ponto chave no desenvolvimento da proposta. A sua lateralidade na planta justifica-se não só pelo aspecto formal, mas também permite a ampliação da residência para o fundo do lote, sem a necessidade de demolição do mesmo.

Quantitativo de Unidades Habitacionais	
Residências contabilizadas	115
Residências existentes (que permaneceram)	48
Residências removidas	67
Residências implantadas	67



Figura 14 – Perspectiva de um quarteirão reurbanizado: edificações novas e existentes (GIOVENARDI E MARQUES, 2007)

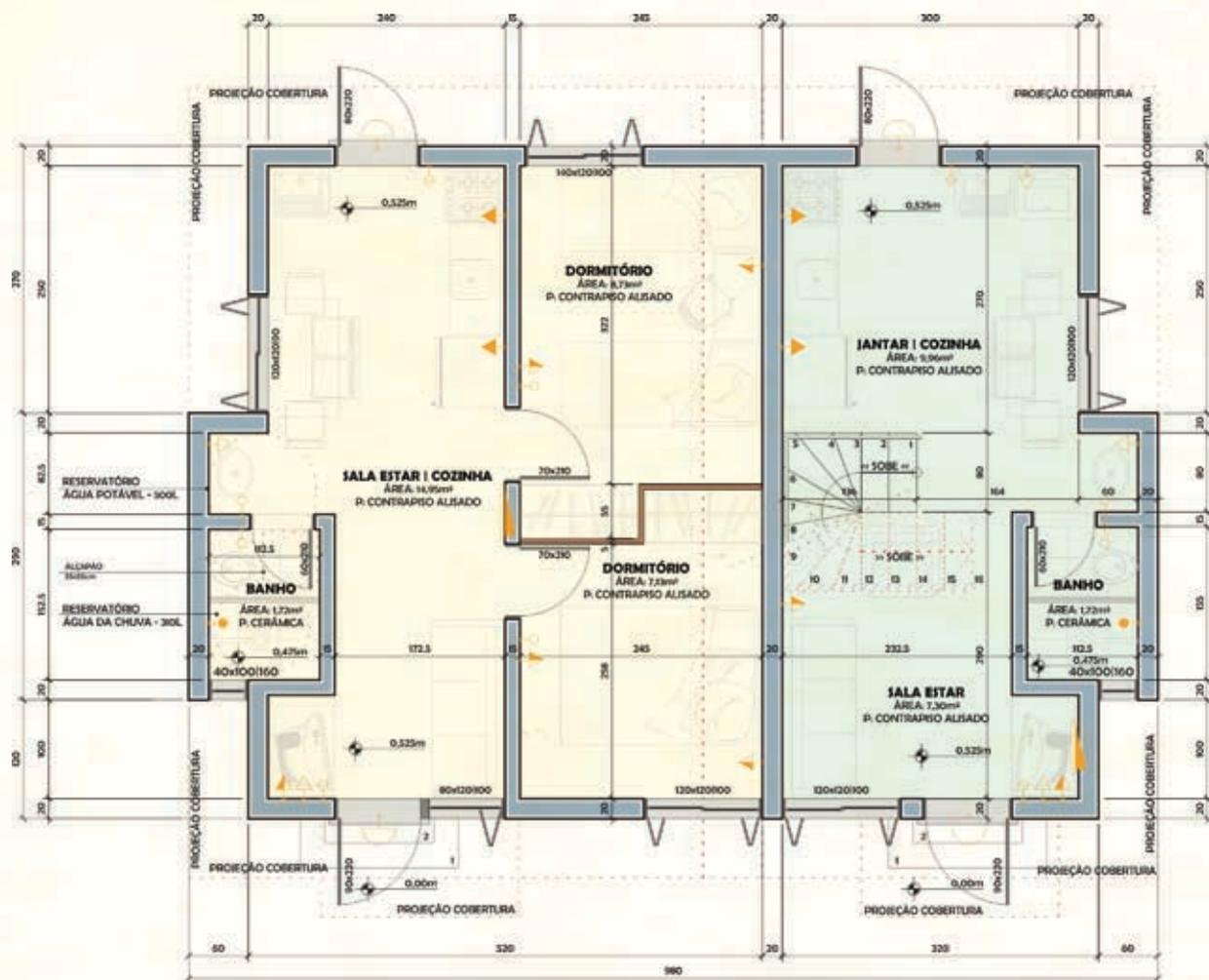


Figura 15 - Planta baixa do pavimento térreo das casas geminadas. À direita casa de 2 pavimentos (GIOVENARDI E MARQUES, 2007)

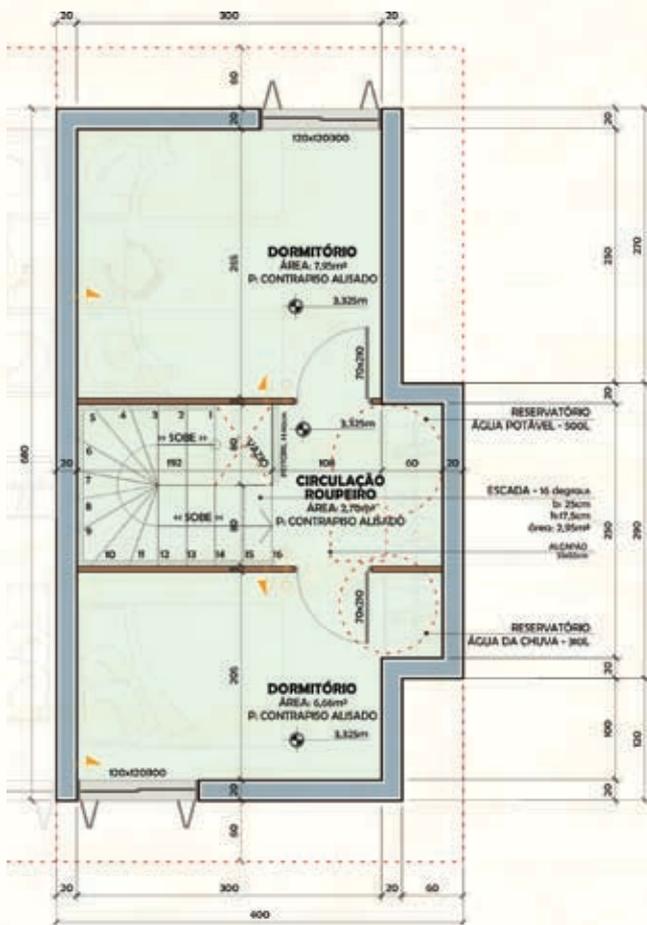


Figura 16 - Planta baixa do pavimento superior (GIOVENARDI E MARQUES, 2007)

3. Conclusões

A partir desta experiência interdisciplinar concluímos que oportunizar o contato dos acadêmicos com a comunidade fez com que os estudantes adquirissem nova compreensão sobre o problema da habitação popular e da reurbanização de assentamentos informais, uma face da sociedade que ainda não lhes tinha sido revelada. Verificamos que a atividade projetual deixou de ser um exercício meramente racional, para ser um exercício mais consciente e humano. Assim, o Beco do Pescador não era apenas o nome de uma rua, mas sim, um local com significado, pois conhecíamos a sua morfologia, sua ambiência, seus problemas e seus moradores – por exemplo. Logo, a compreensão deste conjunto de elementos resultou em decisões de projeto mais consistentes.

Uma vez que o resultado desta experiência foi bastante satisfatório, pretendemos adotar a Vila Palmeira como área de estudo nos próximos semestres de maneira a compreendê-la como um todo.

Sendo a Regularização Fundiária uma política habitacional recente, é necessário que formemos, dentro da academia, profissionais mais comprometidos com esta realidade

– principalmente nas instituições ditas públicas e comunitárias. Os próximos tempos serão favoráveis às questões sociais devido à sua grande demanda, e é necessária e urgente a mudança do paradigma de que os pobres não precisam de ARQUITETURA!

Agradecimentos:

Aos acadêmicos Jordana Jacks, Márcia Marques, Leonardo Giovenardi e Marlon Krake pelo empenho e dedicação na realização dos trabalhos.

Ao Arquiteto Fernando Costa e ao Assistente Social Jairo Peralta, da Secretaria de Habitação, pelo apoio, incentivo e por nos proporcionarem conhecer e vivenciar experiências tão enriquecedoras.

Ao morador “Dilar” que, na sua simplicidade e visão, elucidou questões fundamentais que nos auxiliaram a entender a dinâmica de ocupação e formação da Vila;

Ao Sr. Borguetti, Presidente da Associação dos Moradores da Vila Palmeira, pelo seu apoio e empréstimo da Associação para a realização da oficina;



Figura 17 – Vista das edificações propostas – casas geminadas com 1 e 2 pavimentos (GIOVENARDI E MARQUES, 2007)

Ao Mateus Henrique da Silva, motorista da Feevale, pelo companheirismo e paciência nos dias de levantamento *in loco*.

Aos alunos Carolina Konarzewski, Guilherme Muller, Nicolas Schumann e Verônica Lanzini, matriculados na disciplina de Introdução à Arquitetura e urbanismo II em 2007/2, que auxiliaram os colegas de Projeto Arquitetônico 7 e Planejamento Urbano 3 realizando o levantamento da infra-estrutura e equipamentos urbanos no bairro Santo Afonso.

[As imagens não creditadas pertencem ao acervo dos autores]

Referências:

ABIKO, Alex et al. Custos Básicos de Empreendimentos de Urbanização de Favelas no Brasil. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/urban/urscd/papers/abiko.pdf>> Acesso em 03 de março de 2008.

AGUIAR, Douglas. Colisões urbanas: continuidades e discontinuidades. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/autor/autor_ab.asp> Acesso em 10 de junho de 2007.

DEPTHMAP .VR Centre. UCL Depthmap: Spatial Network Analysis Software. Disponível em: <<http://www.vr.ucl.ac.uk/depthmap>>. Acesso em 11 de janeiro de 2008.

FAVARO, Thomaz. O planeta Urbano. Veja, São Paulo: n. 15, abril de 2008.

GALVÃO, Eduardo. Vila Planetário: Estigma ou paradigma. Dissertação de Mestrado (2002). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/propar>>. Acesso em 06 de junho de 2007.

GIOVENARDI, Leonardo; MARQUES, Márcia. Projeto Arquitetônico. Disciplina de Projeto 7 – Habitação

Popular. Centro Universitário Feevale. Imagens em JPG. Escala indeterminada. 2007.

HILLIER, B; HANSON, J. The Social Logic of Space. Cambridge: University Press, 1984.

KRAKE, Marlon. Estudo da regra associativa. Disciplina de Planejamento Urbano 3 – Habitação Popular. Centro Universitário Feevale. Imagens do Depthmap. Escala indeterminada. 2007.

MEIRA, Alexandra Rocha, OLIVEIRA, Roberto. O usuário da habitação no contexto da APO. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1998_ART040.pdf>. Acesso em fevereiro de 2008.

MARQUES, Márcia. Estudo da regra associativa. Disciplina de Planejamento Urbano 3 – Centro Universitário Feevale. Imagens do Depthmap. Escala indeterminada. 2007.

ORNSTEIN, Sheila Walbe, ROMÉRO, Marcelo de Andrade (colaborador). Avaliação Pós-ocupação do ambiente construído. São Paulo: Studio Nobel,

Edusp, 1992.

ORNSTEIN, Sheila; CRUZ, Antero de Oliveira. Análise de desempenho funcional de habitações de interesse social na grande São Paulo. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2000.

PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO. Mapa dos bairros de Novo Hamburgo. Imagem em JPG. Escala indeterminada, 2007. 1 CD.

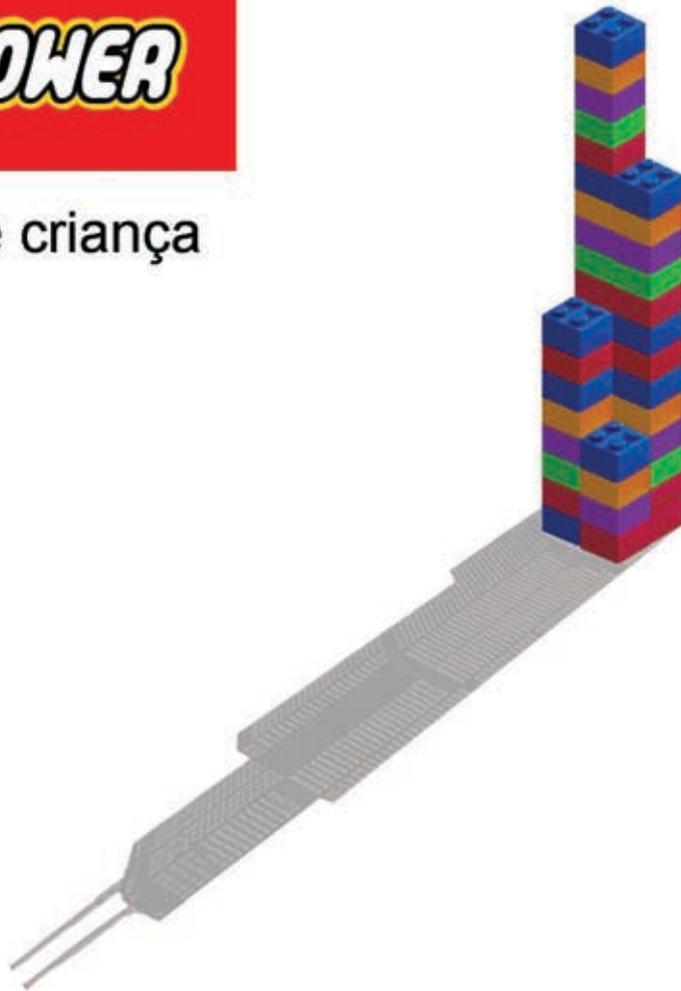
REIS, Antônio T. L. Avaliação de alterações realizadas pelo usuário no projeto original da habitação popular. In: Anais do Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 1995.

SZUCS, Carolina Palermo. Flexibilidade aplicada ao projeto da habitação social. In: Anais do VII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 1998.

SZUCS, Carolina Palermo. Habitação social: alternativas para o terceiro milênio. In: Anais do IV Seminário Ibero-Americano da Rede CYTED XIV.C, 2002.

SEARS TOWER

Um sonho de criança





Cidade acessível e inclusão social: futuros arquitetos, futuro da arquitetura

LUCIANA NÉRI MARTINS

A inclusão social vem sendo sensivelmente discutida entre todos os segmentos da sociedade, uma vez que este tema tem sido proposto com maior ênfase desde os anos de 1990 até hoje.

Cidade... Acessibilidade... Inclusão Social... conceitos importantes que precisam ser trabalhados dentro dos cursos de arquitetura e urbanismo... Afinal, o arquiteto urbanista tem um grande papel e responsabilidade neste contexto.

Mas qual é o melhor termo a ser utilizado quando queremos referenciar o sujeito deste tema?

Os novos documentos governamentais estão utilizando o termo: Pessoas **com** deficiência, pois admite o fato de que a *deficiência* não pode ser retirada (na maioria dos casos); logo, o indivíduo não a porta, e sim, a possui. É algo que está com ele. Ou seja, tornou-se inadequado utilizar termos como: “pessoas portadoras de deficiência”, ou mesmo “pessoas com necessidades especiais”... termos que costumavam ser adotados em tempos passados.

O que se quer dizer é que não há pessoas com necessidades especiais, pois, na maioria dos casos, não há a necessidade

de nada em especial para estas pessoas, ainda mais se os ambientes forem pensados corretamente; há, claro, pessoas com deficiências específicas que irão necessitar de condições especiais de tratamento para se garantir a acessibilidade.

Porém, há também um grupo de indivíduos que, por uma razão ou outra, estão com as atividades motoras reduzidas e/ou comprometidas, seja no acesso, no deslocamento, na permanência, na utilização, no manuseio, na comunicação ou na compreensão de informações. Como, por exemplo, lesionados, gestantes, obesos, etc. Estas pessoas são chamadas de pessoas com mobilidade reduzida.

Bem, definido o termo para o “nosso sujeito”, agora precisamos entender o que é uma CIDADE ACESSÍVEL...

Para produzirmos uma cidade acessível, temos que respeitar alguns pontos básicos:

1. As cidades, embora tenham um conjunto de ações semelhantes entre si, possuem particularidades e oferecem aos seus usuários situações diferenciadas e com grande poder de atração e interesse.

2. As cidades estão implantadas em sítios variados, nasceram e cresceram de formas e em períodos diversos e possuem (possuíram) governantes totalmente diferentes nos modos de pensar e agir.

3. A mesma cidade abriga pessoas com variadas características e com necessidades diferentes.

O que se quer dizer é que qualquer pessoa, com deficiência ou não, deve ter a liberdade de ir e vir, e a ela deve ser garantido o poder de transitar por toda cidade, usufruindo de seus próprios direitos civis, políticos, sócio-econômicos, culturais, bem como em cumprimento de seus deveres de cidadania. Ou seja, independentemente de qual a cidade, ela deve ser acessível a todos.

Segundo alguns dados divulgados pelo Censo de 2000 do IBGE, 14,5% da população têm alguma deficiência; isso quer dizer que aproximadamente 24,5 milhões de brasileiros contam com algum tipo de deficiência. Destes, 70% vivem abaixo da linha da pobreza; 33% são analfabetos ou possuem até 3 anos de escolaridade; 90% estão fora do mercado de trabalho; 8,6% possuem mais de 60 anos; e cerca de 55 milhões de cidadãos possuem

Este trabalho teve a colaboração dos acadêmicos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale Stefânia Beretta Lenz e Vagner Einsfeld.



alguma limitação na mobilidade. Consideremos, agora, que se contarmos mais duas pessoas (pais, amigos, cônjuges e filhos) envolvidas com a pessoa com dificuldades de locomoção, teremos em torno de 165 milhões de brasileiros relacionados direta ou indiretamente com a acessibilidade.

Ou seja, há necessidade real de UMA CIDADE PARA TODOS...

Mas de quem será esta responsabilidade técnica e social?

O que se quer dizer aqui é que, sem dúvida, esta responsabilidade, cabe também ao arquiteto urbanista, e, se este ainda não está consciente desta atribuição, cabe às escolas de arquitetura, a inserção dos conceitos de Acessibilidade, Barreiras Arquitetônicas e do Desenho Universal junto aos futuros profissionais, para que esses sirvam de multiplicadores culturais e executores reais deste tema.

"...Aprender a lidar com as limitações impostas por séculos de barreiras arquitetônicas, que endurecem a percepção de projetistas e os leva a desperdiçar na Arquitetura sua vocação como veículo de integração social, e as possibilidades de ocupação democrática dos espaços construídos para todos indivíduos, independente

de suas características físicas, sensoriais e mentais." Lerner (2008)

Para trabalhar com conceitos tão importantes, referencia-se alguns autores: Segundo Lanchotti, 1998, as Barreiras Arquitetônicas ocorrem toda vez que a circulação de uma pessoa for interrompida por qualquer tipo de obstáculo, ou quando o acesso a imóveis de utilização pública estiver impedido pela mesma razão. Em virtude desse motivo, o presente trabalho apresenta a escolha de uma instituição de ensino como protagonista do exercício didático-pedagógico.

Segundo Cardoso (1996), as barreiras arquitetônicas são obstáculos físicos que erroneamente fazem parte do ambiente construído, pois dificultam ou impedem a livre circulação de pessoas portadoras de deficiência e ou incapacidades. O mesmo autor classifica-as em quatro tipos de barreiras, a saber: barreiras físicas, barreiras tecnológicas, barreiras sociais e barreiras atitudinais.

Assim, dentro da temática "Acessibilidade" encontramos 4 questões básicas que devem ser analisadas como "barreiras" existentes na vida e no dia-a-dia das pessoas com dificuldades de movimentação.

- 1. Barreiras Físicas:** Os acessos ao meio físico não podem ser considerados questões simples porque as pessoas são heterogêneas e possuem necessidades diferentes; o meio físico trata as pessoas de maneira desigual porque os profissionais que o produzem limitam-se, em muitos casos, às propostas convencionais;
 - daquelas com deficiência e dos demais indivíduos da sociedade; o treinamento dos técnicos que fiscalizarão obras de uso público também se torna necessário para a garantia de acessibilidade a todos os usuários.
- 2. Barreiras Tecnológicas:** Os elementos tecnológicos são inseridos na vida contemporânea para facilitar o dia-a-dia das pessoas. Entretanto, nem sempre são acessíveis a todos;
- 3. Barreiras Sociais:** A cidade perde seu poder de democracia a partir do momento em que não oferece a equiparação de oportunidades a todos os usuários do espaço urbano; a humanidade é desigual. Suas necessidades também. Os profissionais responsáveis pela melhorias na qualidade de vida das pessoas precisam entender isto;
- 4. Barreiras "Atitudinais":** Muitas vezes, as barreiras que impedem a Inclusão Social advêm das atitudes das pessoas
 - Tais barreiras são resolvidas através da Acessibilidade. Assim, para Rovira-Beleta (2003), a acessibilidade característica do urbanismo, da edificação, do transporte e dos meios de comunicação permite que qualquer pessoa a utilize com máxima autonomia. Ou seja, uma boa acessibilidade, é aquela que existe, mas que passa despercebida para a maioria dos usuários, excetuando-se, evidentemente, aquelas pessoas com graves problemas em sua mobilidade e/ou com limitações sensoriais, virtuais e/ou auditivas.
 - Para Ely (*apud* Dalanhól, 2004), a acessibilidade engloba dimensões físicas, estruturais e sociais e trata da possibilidade dos indivíduos terem acesso a, e fazer uso de, um ambiente, equipamento, ou ambos, de maneira independente. O autor afirma, ainda, que esse conceito está ligado à qualidade do Projeto Arquitetônico, baseando-se num conjunto de especificações,

de normas, de legislação e, principalmente, na conscientização a respeito das diversidades.

Na NBR 9050/2004, a acessibilidade é a possibilidade e a condição de alcance para utilização com segurança e autonomia de edificações, espaços, mobiliários e elementos.

Para Mazzoni *et all* (2001), a acessibilidade é um processo dinâmico, associado, principalmente, ao desenvolvimento da sociedade. Uma sociedade que se preocupa em garantir às pessoas portadoras de deficiência o direito de participar da produção e disseminação do conhecimento certamente contará com a participação dessas pessoas, de forma ativa, em todos os seus demais setores.

Desta forma, não se pode esquecer que, partindo do presuposto de que todos nós podemos vir a ser ou nos tornarmos temporariamente incapacitados em algum momento de nossas vidas – como, por exemplo, ao nascer (não sabendo falar, caminhar, comer sozinhos), enquanto gestantes, ao envelhecer, na eventualidade de um acidente, considerando inclusive, as deficiências visuais, auditivas, físicas, mentais e múltiplas – estaremos abordando tais

limitações independentemente de suas manifestações, temporárias ou permanentes, sutis ou severas, em qualquer caso.

Podemos concluir, então, que a responsabilidade dos Arquitetos, Engenheiros, Designers, Urbanistas, Profissionais da Saúde é grande, já que, antes de tudo, esses profissionais são seres sociais, que desfrutam dos espaços como qualquer outro homem, com a diferença de que possuem formação acadêmica para mudar o meio em que vivemos.

Neste contexto, o **Desenho Universal** faz-se de máxima relevância. Em ambientes urbanos inclusivos, segundo Prado (2003), o conceito de Desenho Universal terá sido totalmente difundido quando qualquer pessoa, idosa ou não, com perdas funcionais, puder transitar pela cidade, deslocar-se pelas calçadas, atravessar ruas, desfrutar das praças, acessar os edifícios e utilizar o transporte público com autonomia e independência. Segundo Lopes Filho (2002), Desenho Universal vem a ser a forma de conceber produtos, meios de comunicação e ambientes para serem utilizados por todas as pessoas, pelo maior tempo possível, sem a necessidade de adaptação,

beneficiando todas as idades e capacidades.

Trata-se, portanto, da concepção de espaços, artefatos e produtos que visam a atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade (Lanchotti,1998).

Ou seja: a Acessibilidade e o Desenho Universal são a resposta para eliminação das barreiras arquitetônicas.

Para Cardoso (1996), criar acessos é o mesmo que remover barreiras físicas, ambientais, edificáveis, e essa tarefa demanda uma integração de uma equipe multidisciplinar. Para projetar e desenhar nesta área do conhecimento é imperativo que as regras sejam rígidas no conjunto, permitindo uma produção que vá ao encontro das necessidades emergentes de criação de novos acessos físicos, ambientais, urbanos e/ou edificáveis.

Assim, para transpormos o simples ato de identificação/eliminação das Barreiras Arquitetônicas e começarmos a proporcionar a

Inclusão Social das pessoas com deficiências ou com dificuldade de locomoção nas atividades diversas de um cidadão (cidadania), há a necessidade de discussão com a sociedade e do estabelecimento de Políticas Públicas de Mobilidade, de forma atuante e participativa.

Conclui-se, portanto, que, tão logo o espaço de uso comum utilizado por todas as pessoas - com deficiência ou não - seja projetado com base nesses conceitos, com o foco principal na preocupação física da acessibilidade, evitar-se-ão as barreiras arquitetônicas e, desta forma, teremos a inclusão social que tanto se almeja.

É sabido que, no passado, as pessoas com deficiência costumavam ser ‘escondidas’ dentro de casa, sem direito a circular livremente; os idosos viviam pouco devido ao atraso da medicina; as mulheres (principalmente as grávidas) e as crianças não tinham vida ativa, passando quase todo o tempo dentro de casa. Assim, em busca da INCLUSÃO SOCIAL, o Programa de Ação Mundial para as pessoas com deficiência - OMS/ONU objetiva a constituição de uma CIDADE PARA TODOS, trabalhando com uma equipe multidisciplinar na construção de cidades mais justas, mais acessíveis

e mais democráticas. Para isto, vale-se de um tripé fundamental:

1. **PREVENÇÃO:** adotar medidas que evitem o aparecimento de novas deficiências físicas, mentais e sensoriais; e, caso elas sejam inevitáveis, que produzam os menores efeitos possíveis, tanto de ordem pessoal quanto social;

2. **REABILITAÇÃO:** desenvolver as potencialidades das pessoas com deficiências para que elas reduzam ao mínimo suas limitações; se necessário, ampliar este potencial através de ajuda técnica e utilização de instrumentos;

3. **EQUIPAÇÃO DE OPORTUNIDADES:** oferecer às pessoas com dificuldades de movimentação condições de acesso e permanência a diferentes locais e manifestações, participando da vida coletiva sem discriminação e impedimentos.

A vida das cidades é, evidentemente, protagonizada por pessoas, as quais, em sua maioria, não são modelos perfeitamente proporcionais, assim como o Homem Vitruviano (1490) de Leonardo da Vinci (1452-1519); e o Modulor (1953) de Le Corbusier (1887-1965). São pessoas com suas identidades tangíveis e intangíveis, que apresentam necessidades variadas, e é para todas elas que a cidade deve ser constituída.

Infelizmente, o desinteresse pela questão “barreiras Arquitetônicas” muitas vezes acontece pela não-convivência com o problema. Da mesma maneira, o desconhecimento das questões técnicas do problema, implicam o aparecimento de soluções algumas vezes não-funcionais.

Ou seja, a ausência de Políticas que estabeleçam condições de habitação, lazer, cultura, educação, tanto na esfera passiva, quanto na ativa, acaba por promover a total exclusão social das pessoas com dificuldades de locomoção. O tratamento deste assunto nas universidades pode, além de aumentar a abrangência social do problema, formar pesquisadores de novas soluções para a questão e possibilita que os novos profissionais “desenvolvam-se”. A universidade, portanto, é um espaço privilegiado para que ocorra o processo de

construção da acessibilidade, pois envolve a formação de distintas categorias de profissionais, e, além disso, as condições de acessibilidade que adota possuem um efeito multiplicador, já que funcionam como um modelo para várias outras instituições de ensino superior.

Assim, surge... A OFICINA

A idéia deste trabalho surge com a **Oficina sobre o Ensino da Acessibilidade nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo**, destinada à capacitação de professores na área de acessibilidade. A Oficina para os professores foi realizada entre os dias 13 e 14 de março deste ano de 2007, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Esta atividade foi realizada pelo Ministério das Cidades, em parceria com a Secretaria Nacional de Transportes e da Mobilidade Urbana - SeMob/MinCidades, a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo - ABEA, e com apoio da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação - SESu/MEC.

O encontro integra o Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana - BRASIL ACESSÍVEL (2007) e, por determinação dos parceiros do Programa, Porto Alegre foi uma das cidades escolhidas para a primeira

etapa das oficinas, bem como as cidades de Manaus, Niterói, Natal, Salvador, Curitiba e São Paulo. As oficinas tiveram como público-alvo reitores, diretores, coordenadores, professores e funcionários de Instituições de Ensino, com especial enfoque para a formação de multiplicadores deste conhecimento como conceito básico para a produção de cidades planejadas para possibilitarem acesso a toda população, inclusive às pessoas com deficiências ou com mobilidade reduzida.

Assim, o Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana - BRASIL ACESSÍVEL (2007) prevê ações para implementação de discussão a respeito do conceito “Acessibilidade” em todo o país. Desta maneira, em consonância com um destes objetivos, que é estimular e apoiar os governos municipais e estaduais a cumprirem suas prerrogativas e desenvolver ações que garantam acesso para pessoas com restrições de mobilidade aos sistemas de transportes, equipamentos urbanos e a circulação em áreas públicas, acredita-se que, capacitando docentes como agentes multiplicadores do tema – os quais, por sua vez, capacitarão os acadêmicos, futuros profissionais desta área – se estará dando um

grande passo na construção da cidade acessível e da verdadeira inclusão social.

Há dez anos, Lanchoti (1998) havia iniciado reflexão propondo trazer as discussões sobre Acessibilidade para dentro das instituições de ensino superior (IES). Nesta ocasião, já afirmava que muitas das interferências espaciais estão ligadas às questões projetuais e de execução, o que justificaria interferir diretamente na formação do arquiteto urbanista, visto que, diante destes temas, ele normalmente se faz presente. A partir daí, acreditando na potencialidade para melhorar a qualidade de vida da população, e, principalmente, das pessoas com deficiência e com dificuldade de locomoção, Lanchoti (1998) procurou estudar de que maneira as questões de eliminação de barreiras arquitetônicas poderiam ser tratadas desde os bancos acadêmicos.

Ao encontro do pensamento de Lanchoti, o Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Feevale sustenta que o Ensino de Arquitetura deve ser diretamente focado na inclusão social, sendo capaz de oferecer oportunidades iguais a todos os usuários da arquitetura. Ou seja, permitir iguais possibilidades e condições de

alcançe, percepção e entendimento para a utilização de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, com segurança e autonomia (NBR 9050/2004). Desta forma, o curso vem propondo exercícios acadêmicos visando à valorização do desenho universal.

A partir do incentivo de nova consciência de cidadania e com o fortalecimento da capacitação recebida na Oficina sobre Ensino da Acessibilidade, criou-se a oportunidade para a realização de uma vivência induzida como um exercício didático-pedagógico, experiência registrada neste trabalho. A sensibilização e percepção de alunos de uma disciplina do quinto semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Feevale, no semestre 2008-01, visou ao início de um trabalho de sensibilização e conscientização a respeito da importância de se pensar na acessibilidade e no desenho universal em todos os projetos arquitetônicos será a ferramenta para mobilização frente ao tema proposto e apresentação do método aqui utilizado.

A ATIVIDADE REALIZADA – Conscientização sobre uma cidade acessível

A atividade, que teve como objeto de estudo as instalações do Campus II do Centro Universitário Feevale, foi dividida em três etapas, com base na metodologia apresentada no Caderno 7 do Programa Brasil Acessível (2007):

Etapa 1 – Aula teórica para sensibilização e conscientização dos acadêmicos quanto à acessibilidade e ao desenho universal: inicialmente, realizou-se aula expositivo-dialogada contemplando as definições e conceituações sobre a acessibilidade e a mobilidade, sobre o desenho universal, a aplicação do Decreto Federal nº 5.296/04 e da NBR9050:2004 da ABNT, a respeito do dimensionamento básico (parâmetros antropométricos), orientações voltadas ao Símbolo Internacional de Acesso, equipamentos urbanos, e adequação do mobiliário (interno e externo).

Etapa 2 – Depoimento de pessoas com deficiências da Associação LEME: nesta fase do trabalho, os alunos da Feevale receberam a visita de três cadeirantes da Associação LEME (Associação de Lesados Modulares do RS – página web:

<http://www.leme.org.br>), os quais deram seu depoimento e contaram suas histórias de vida, ratificando a relevância da acessibilidade na cidade. Discutiu-se a importância da presença do arquiteto urbanista no projeto das cidades, na tomada de decisões e na conscientização de desenho universal no espaço edificado. Um dos depoimentos trazidos pelos cadeirantes lembrava que todos nós podemos vir a ser ou nos tornar incapacitados em algum momento de nossas vidas. Este aspecto deve ser trabalhado, visto que não estamos a salvo da eventualidade de alguma fatalidade, infelizmente, vir a acontecer.

Etapa 3 – Vivência da acessibilidade dentro do espaço físico do Centro Universitário Feevale

– Nesta etapa foi utilizado o roteiro de vistoria elaborado por um grupo de profissionais do Grupo de Trabalho Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos do CREA-RS¹.

1. O roteiro de vistoria utilizado na vivência da acessibilidade foi elaborado pelo Grupo de Trabalho Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos do CREA-RS, com o objetivo de auxiliar na busca de obstáculos no ambiente edificado, desde o passeio público até o interior da Sede e das Inspetorias da Instituição. O roteiro aponta as principais verificações a serem observadas em edificações, no sentido de assegurar fisicamente o uso e o acesso indiscriminado aos espaços



CIRCULAÇÕES – Participante do exercício com dificuldade de circulação pelo campus, deparando-se com pisos irregulares após rampa inadequada - diferentes pavimentações e desníveis.



RAMPAS – Participantes do exercício com dificuldades em rampas de acesso com inclinações erradas e sem patamares de final da rampa – como o acesso à biblioteca, que também possui porta com sistema pneumático.

Os acadêmicos foram divididos em equipes, e cada grupo foi induzido a uma limitação de mobilidade. Um dos acadêmicos (de cada equipe) descreveu no roteiro do exercício as observações que foram surgindo a partir da vivência dos demais colegas. Durante o percurso, os estudantes foram identificando quais elementos são os responsáveis pela dificuldade na locomoção e as causas às quais se deviam: erro de projeto, equívoco de construção, falta de manutenção, situação consciente e proposital. Posteriormente ao exercício didático-pedagógico realizado, discutiu-se em sala de aula as considerações e observações dos acadêmicos sobre a atividade.

Assim, conduzindo cadeiras de rodas, andando com o auxílio de muletas ou com vendas nos olhos, este grupo de estudantes experimentou, por algumas horas, como é estar na pele de uma pessoa com deficiência. Desta maneira, após a indução à limitação de mobilidade, os acadêmicos buscaram desenvolver em suas equipes atividades comuns

condominiais e de uso público. Revisado em 2007 para ser utilizado como *check-list* em espaços edificados. Almejamos conscientizar e sensibilizar a comunidade profissional sobre a importância de implantar espaços e de tomar atitudes que permitam a inclusão sócio-espacial das edificações pelas quais passam a ser responsáveis.

do dia-a-dia de uma pessoa dentro do Campus II da Feevale. A vivência, ainda que temporária, das dificuldades enfrentadas pelos portadores de deficiência ensinou a efetiva percepção das barreiras arquitetônicas impostas a estas pessoas.

Depois da aula prática, a discussão em sala de aula fundamentou-se nas observações e anotações feitas no roteiro sobre a atividade desenvolvida, dentre as quais descrevemos algumas, a seguir:

Ao longo do percurso, os acadêmicos foram identificando quais elementos dificultaram a sua locomoção. Na figura acima, observa-se a dificuldade quanto à circulação pelas calçadas, por possuírem revestimentos com desníveis e obstáculos.

Outro fator importante que foi observado quanto à circulação é que a grande maioria das rampas possui inclinação superior à permitida pela norma NBR 9050, a qual descreve que calçadas, passeios e vias exclusivas de pedestres que tenham inclinação superior a 8,33% não podem compor rotas acessíveis.

É possível observar que pessoas usuárias de cadeiras de rodas não

contam com acesso à Central de atendimento, assim como, outros espaços públicos do Campus.

Quanto ao mobiliário, os acadêmicos (participantes do exercício) sentiram dificuldades em utilizar tanto os telefones públicos como os bebedouros, por contarem com altura inadequada. Ao longo do percurso realizado, não foi encontrado nenhum telefone público ou bebedouro, acessível.

Os sanitários, em sua grande maioria, apresentam-se “aparentemente” acessíveis para usuários de cadeiras de rodas, porém algumas portas externas de acesso são estreitas, como é o caso do banheiro feminino. Nos banheiros masculinos observa-se que um cadeirante tem acesso ao box, faz o giro necessário com sua cadeira, porém as barras de apoio não estão corretas. O cadeirante tem fácil acesso aos equipamentos de higiene nos sanitários, pois estes se encontram em altura adequadas.

Um ponto positivo é que se observa a existência de vagas de automóveis destinadas às pessoas com deficiência adequadamente distribuídas pelos estacionamentos do Campus. Sua localização permite fácil acesso e a sinalização as identifica com o Símbolo Internacional de Acesso.

O principal obstáculo para as pessoas que necessitam utilizar andadores é o acesso aos sanitários, visto que as portas utilizam sistema pneumático. Já para as pessoas obesas, as portas internas dos sanitários são o maior problema, por serem muito estreitas, dificultando o acesso (Figura 11).

Com as pessoas com baixa visão ou cegas, não há praticamente nenhum cuidado no Campus II: não há existência de pisos táteis; os elevadores não possuem teclas em braile, nem avisos sonoros; as calçadas são irregulares, o que dificulta a identificação de obstáculos.

Contudo, observa-se que as barreiras atitudinais se encontram praticamente superadas, visto que inúmeras pessoas se mostraram interessadas em auxiliar os acadêmicos em zonas de difícil acesso dentro do Campus.

Considerações finais

Apesar de a análise sobre os espaços físicos do Campus II ter revelado, principalmente, pontos negativos do mesmo, acredita-se que a IES está comprometida em adaptar-se a acessibilidade e ao desenho universal, visto que, nos últimos anos, inúmeras iniciativas visando à adaptação e reformulação dos



MOBILIÁRIOS – como TELEFONES PÚBLICOS e BEBEDOUROS – muito altos e de difícil acesso. Os telefones não possuem identificação em braile.



PORTA DE ACESSO - a Central de Atendimento aos Acadêmicos, local onde os acadêmicos encontram todas as informações do Campus – 1ª porta para quem chega para pedir informações sobre à Instituição.



A



B



B

SANITÁRIOS - Participantes do exercício com dificuldade de acesso ao sanitário feminino (porta externa – foto A). No sanitário masculino a principal dificuldade são as barras de apoio, colocadas erroneamente a 45°. Quanto aos equipamentos de higiene (papeleiras e saboneteiras) contam com alturas adequadas (fotos B).



ESTACIONAMENTO – há vagas destinadas a pessoas com deficiências em todos o Campus, sendo identificadas pelo Símbolo Internacional de Acesso.



ANDADORES: Participantes do exercício com andadores e peso de areia preso às pernas, para simular a dificuldade de movimento dos idosos.

espaços vêm sendo implementadas. A meta, entretanto, deve ser a de eliminar toda e qualquer barreira, seja ela física, estrutural ou até mesmo comportamental.

Para isto, é importante salientar que a IES deve continuar incentivando a promoção de ações institucionais que objetivem a implantação da “acessibilidade” para todos os espaços, pois, uma vez que a sociedade está mudando de paradigma em relação às pessoas com deficiência, no sentido da inclusão social, é dever das IES propiciar aos acadêmicos, professores, funcionários e comunidade externa, a livre circulação e o total acesso as suas dependências.

Infelizmente, é sabido que a batalha pelo tema “acessibilidade” está longe de chegar ao fim. A busca pela “cidade democrática” compete a todos os seus potenciais usuários. Acredita-se, porém, que uma semente foi plantada em cada acadêmico (futuro arquiteto urbanista) que participou do exercício proposto. As ações isoladas também são importantes passos para se alcançar o que acreditamos ser o ideal: “a produção da cidade acessível a todas as pessoas, inclusive as com deficiência ou

com mobilidade reduzida” (BRASIL ACESSÍVEL, 2007).

Finalizando com o pensamento geral que surgiu durante a reflexão e discussão em sala de aula, salienta-se que os acadêmicos passaram a se mostrar verdadeiramente preocupados com acessibilidade dos espaços, pois, conforme afirma Bittencourt (2004), “(...) os espaços e os usuários fazem parte de uma prioridade que o arquiteto precisa relacionar de forma sensata, justa e plural”.

Terminologia importante a ser trabalhada segundo Lanchotti (1998) e a NBR 9050/2004:

1. Deficiência Física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplicia, triparlesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.
2. Deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.
3. Deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60o; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores.
4. Deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: 1. comunicação; 2. cuidado pessoal; 3. habilidades sociais; 4. utilização dos recursos da comunidade; 5. saúde e segurança; 6. habilidades acadêmicas; 7. lazer; e 8. trabalho.
5. Deficiência múltipla: associação de duas ou mais deficiências.



PESSOA OBESA: Participante do exercício simulando obesidade, tendo dificuldade no acesso ao box de sanitário – problemas com o fechamento da porta.



Participante do exercício com os olhos vendados, sendo guiado por colega. Logo atrás, outro estudante mantém os olhos vendados e utiliza bengala para auxiliar locomoção.

Referências:

ABNT NBR 9050:2004. Acessibilidade a edificações, espaços, mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 97 p., 2004.

BITTENCOURT, L. S. ; CORRÊA, A. L. M. ; MELO, J. D. de ; MORAES, M. C. de ; RODRIGUES, R. F. Acessibilidade e cidadania: Barreiras arquitetônicas e exclusão social dos portadores de deficiências físicas. In: 2o. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, Belo Horizonte. MG.

BRASIL ACESSÍVEL. Ministério das Cidades. Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana. Caderno 7: Ensino da Acessibilidade nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo. Cadernos Programa Brasil Acessível: SeMob/MinCidades. Brasília: Ministério das Cidades, 2007. Também disponível em: <http://www.abea-arq.org.br/evento005.html>. (março, 2008).

DALANHOL, Fabiana. A acessibilidade físico-estrutural de uma Instituição de Ensino Superior da Vale do Rio do Sinos aos usuários de cadeira de rodas do Corpo Discente. Trabalho de Conclusão do Curso de Fisioterapia. Orientadora: Ms. Jacinta Sidegum Renner. 2004, Novo Hamburgo – RS: Centro Universitário Feevale.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

LANCHOTI, José Antônio. O

ensino da eliminação de barreiras arquitetônicas nos cursos de arquitetura e urbanismo. Dissertação de Mestrado. Orientador: Dr. Ricardo Martucci. 1998, São Carlos – SP: USP.

LE CORBUSIER. El Modulor. Buenos Aires: Poseidon, 1953. Disponível também na página web. <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Corbusier.htm> (março, 2008).

LERNER, Fani. Acessibilidade nos Meios Arquitetônico e Urbano. Disponível na página web. <http://paginas.terra.com.br/saude/aproam/0%20-%204.htm>. (março, 2008).

PRADO, A. R. de A. Acessibilidade e desenho universal. In: 3o. Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia, 2003, Santos. SP.

MAZZONI, A. A.; TORRES, E. F.; OLIVEIRA, R. de; ELY, V. H. M. B.; ALVES, J. B. da M. Aspects that interfere in structuring the accessibility at public libraries. Ciência da Informação, 2001, vol.30, n. 2.



feevole

Projeto Mãos à Obra

Aliando capacitação profissional a trabalho social

ALESSANDRA MIGLIORI DO AMARAL BRITO

O curso de Pintor Predial – realizado no início do ano de 2008 – foi um dos temas de qualificação oferecidos pelo projeto de extensão Mãos à Obra que mais se prestou ao desenvolvimento de um trabalho de cunho social. A necessidade de uma extensa área de pintura para propiciar adequado treinamento e relativa experiência aos alunos levou-nos a concretizar um sonho antigo – o de contribuir para a melhoria do espaço físico de uma entidade carente.

Assim, verificamos junto aos líderes de Projetos de Extensão do Centro Universitário Feevale se havia interesse e necessidade, dentre as comunidades com as quais trabalhavam, de um serviço de recuperação de pintura. Foram-nos apresentadas várias alternativas, mas a que melhor se adaptou – em função de critérios como adequação do espaço físico, condições para o desenvolvimento das aulas práticas e também real necessidade da recuperação da pintura – foi a Igreja Nossa Senhora Aparecida, situada na Vila Iguazu, no Bairro Canudos, em Novo Hamburgo/RS.

A população da Vila Iguazu vivencia no dia-a-dia o desemprego, os furtos, a violência, o consumo de álcool e drogas e as incertezas,

efeitos concretos da exclusão social. Esta realidade é também agravada pela ausência de infra-estrutura, falta de assistência médica, abandono social e pelo baixo nível de escolaridade dos moradores (LIMA, 2007). O projeto de extensão “Construindo Saberes Pedagógicos e Psicopedagógicos”, vinculado aos cursos de Pedagogia, Psicopedagogia e Educação Física da Feevale, visa a interferir nesta realidade, contribuindo no âmbito educacional de crianças entre um e cinco anos, em situação de vulnerabilidade social, abarcando também seus familiares.

O salão da igreja foi construído pelos moradores da Vila com muito esforço. Atualmente a comunidade recebe o auxílio dos Irmãos Maristas do bairro Canudos. Durante a semana, no salão em que é celebrada a missa e no turno inverso ao escolar, são realizadas atividades que garantem “o aprender a aprender, bem como resgate do brincar por brincar, o lúdico e a fantasia onde as crianças possam expressar-se através dos simbolismos próprios à sua idade por meio de diferentes recursos metodológicos” (LIMA, 2007). Entretanto, este espaço apresentava-se com uma pintura deteriorada e com umidade ascensional em todo o seu perímetro. As portas



A Vila Iguazu e a Igreja Nossa Senhora Aparecida

internas de madeira estavam sem pintura e as janelas de metal com o acabamento bastante comprometido. Os banheiros de uso das crianças estavam sem iluminação e reboco e com a presença de infiltrações, ocasionando dificuldade de limpeza e higiene.

Como as condições dos sanitários eram bastante precárias, achamos necessário providenciar o reboco e o revestimento do box do chuveiro, além da recuperação da pintura interna do salão principal. Duas empresas associadas ao Sinduscon doaram portas de madeira para os banheiros e azulejos para o revestimento do box. O serviço



Pintura deteriorada ocasionada por infiltração na entrada dos banheiros



Box do chuveiro construído de forma improvisada e sem revestimento

de reboco foi patrocinado pelos parceiros do Mãos à Obra. As novas áreas rebocadas foram pintadas posteriormente, sendo que em parte delas foi aplicada uma tinta que substitui o azulejo para garantir a higiene.

Para o desenvolvimento da recuperação da pintura interna, tanto da alvenaria quanto das esquadrias (de madeira e metal), foram destinados três sábados. Os alunos pintores demonstraram-se muito receptivos à proposta comunitária. A iniciativa e o espírito solidário estiveram presentes em todos os momentos, visto que se mostravam interessados em melhorar ao máximo as condições existentes.

A entrega da obra à comunidade foi o momento para proporcionar o encontro das crianças com os pintores. Chegar à igreja todas as segundas-feiras e ver que as paredes estavam se transformando parecia mágica aos olhos das crianças: “quem fez isso?”, relatou-me a professora. Por outro lado, a cada detalhe no serviço de pintura o pensamento estava direcionado às crianças: o cuidado com os pregos das esquadrias, a fixação dos espelhos dos interruptores, o conserto do chuveiro que estava estragado, etc.

Constatar que o inverno estava chegando e que as crianças faziam algumas atividades e descansavam no chão levou a equipe do Mãos à Obra a pensar em uma Ação entre Amigos a fim de arrecadar dinheiro para a compra de colchonetes. Posteriormente, em conversas com os demais professores, chegamos à conclusão de que a aquisição de tatames seria mais proveitosa porque serviria não só para o descanso e atividades pedagógicas, como também para a prática da educação física. Participaram desta Ação entre Amigos os professores e acadêmicos do Curso de Arquitetura da Feevale, bem como os alunos do Mãos à Obra. Roupas e brinquedos também foram doados por comerciantes das cidades de Novo Hamburgo e Campo Bom.

Assim, no dia 29 de maio foi planejada uma pequena cerimônia de entrega da obra e das doações arrecadadas. Entretanto, fomos surpreendidos com uma bela homenagem.

Inicialmente, as crianças entraram trazendo cartazes confeccionados por elas com dizeres, tais como: “ficou linda a capela”, “obrigado por consertar o chuveiro”, “o NACC está lindo” – ao som da música “Amizade”.

Após, os cartazes foram entregues pelas crianças aos pintores. Com lágrimas nos olhos, fomos brindados com a música do Vinícius de Moraes, “A casa”, adaptada e cantada por elas, que dizia assim:

*“Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali
Mas era feito com muito esmero
Na rua dos bobos número zero.*

Então aparecem pessoas muito especiais, que encheram nosso espaço de alegria e cor.

*Hoje é uma casa iluminada
Por essa gente empenhada
Que moveu uma ação
E trabalhou com o coração
E você pode entrar e sair
Porque o futuro está aqui
Agora pode fazer pipi
Porque o banheiro está logo ali
Que foi feita com muito esmero
Na Gonçalves Ledo 657.”*

Recebemos, ainda, pequenas caixas com bombons pintadas pelas crianças. Muito emocionados, encerramos a cerimônia com a doação dos

brinquedos e uma sensação muito boa no coração.

A entrega da obra foi motivo de alegria para todos: para as crianças, o recebimento de um local mais alegre e com melhores condições de ensino e higiene; para os alunos pintores, significou mais experiência profissional e uma experiência cidadã; para as entidades conveniadas e patrocinadores, o fortalecimento da sua responsabilidade social; para a Feevale, o reforço de sua identidade comunitária e integração entre diferentes projetos de extensão corroborando, através deste trabalho, a importância das redes de cooperação tendo em vista o desenvolvimento local.

Agradecimentos:

- Primeiramente, aos alunos do Curso de Pintor Predial, pelo profissionalismo, empenho e dedicação na recuperação da pintura do salão.

- À Professora Jozilda Lima, às estagiárias Ana Daiane Betta, Ana Paula M. Cunha, Lélia Maria Gonçalves Landvoigt, Queli Wagner e Rosana Silveira Dorneles, à Funcionária Salete, assim como a diretoria da comunidade, que nos deram o suporte para que esta reforma acontecesse.



Preparação das superfícies



Preparação da tinta



As doações



As crianças e os brinquedos



A equipe do curso de Pintor

Parceiros:



Empresas Apoiadoras:



- À Roselene de Paula e aos professores Rodrigo Toson Dias e Luis Gustavo Cappra, das Tintas Killing, que abraçaram este sonho conosco.

- Às Tintas Killing, Pincéis Atlas e A. Moraes por nos apoiarem no curso e na reforma da pintura contribuindo com os insumos e ferramentas necessários.

- Às empresas Escolta e Tekne pela doação das portas e azulejos que foram colocados nos banheiros.

- Ao Jairo Luiz Kwiatkowski, funcionário do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Feevale, pela disposição, comprometimento e dedicação despendidos na reforma dos banheiros.

- À Deise Eloi, pelo empenho e dedicação, mostrando que realmente é uma estagiária "Mãos à Obra".

[As imagens deste artigo pertencem ao acervo do Projeto Mãos à Obra]

Profissionais Formados:

Adair Martins
Adelar Ortiz da Silva
Airton Lopes Da Silva
Alcione Franck
Alex Sandro Madruga da Rosa
Aloísio Davino Reis Heck
Cláudio de Azevedo e Castro
Cleber Alaur Wagner
Clemir Carlos da Silva
David Adrian Kislo
Jeferson Pires da Silva
Juliano Pires da Silva
Luiz Carlos Romero Pires
Maikel Monteiro
Márcio Araújo Noronha
Moisés Atilio Hoffmann
Paulo Adelir Proença de Souza
Paulo César Flores da Silva
Renan da Silva Ferreira
Roberto Pereira da Luz
Silvane Souza Leão
Valmir César Mendonça
Valmir Pereira de Souza
Wilson Antonio Flores da Rosa

Referências:

LIMA, Jozilda Berenice Fogaça. Projeto de Extensão Construindo Saberes Pedagógicos e Psicopedagógicos. Relatório PROACOM. Feevale, 2007.

*Tara, minha
casa!*





I-TOTEM

Informação livre + Conectividade + Mobilidade

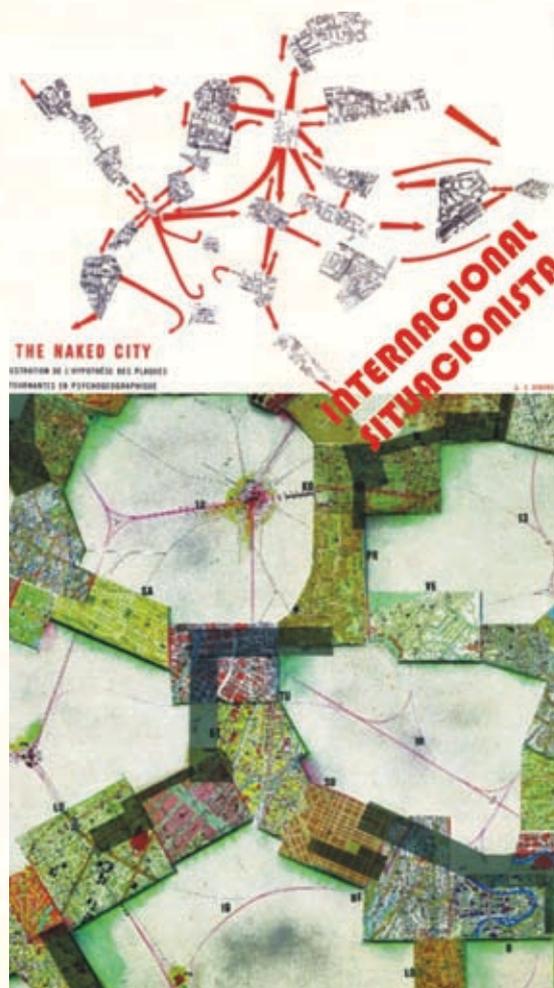
THAÍS LUFT

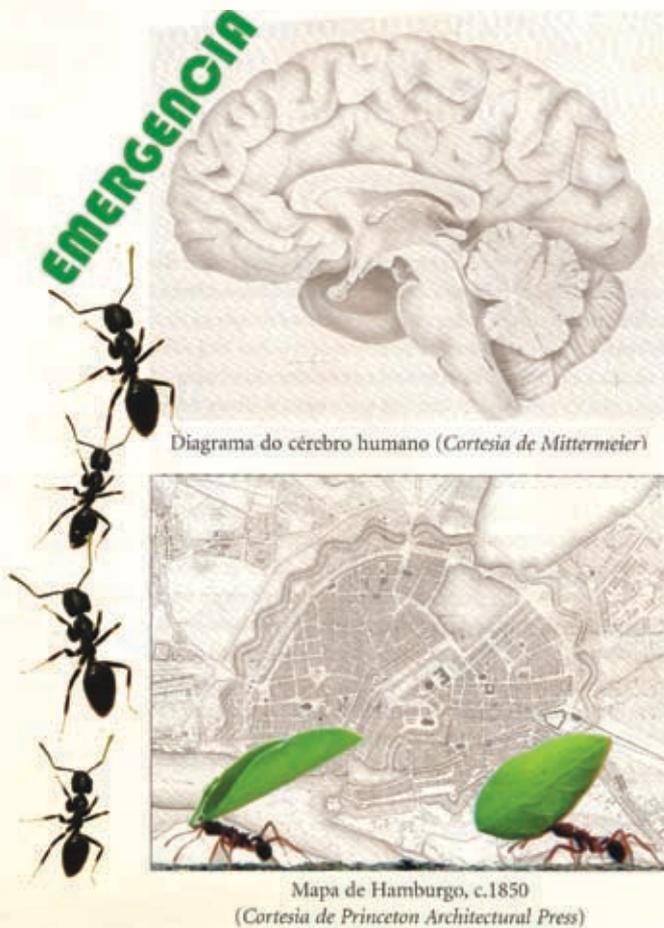
O texto a seguir apresentará o projeto desenvolvido por equipe de acadêmicos para a Competição Internacional de Idéias para estudantes de Escolas de Arquitetura, evento promovido pelo XXIII Congresso Mundial da UIA (União Internacional de Arquitetos), que se realizou entre os dias 28/06/08 e 03/07/08, na cidade de Turim, Itália.

Apresentando o tema “*Transmitting Architecture*” o escopo do concurso era a criação de um totem de informações. No edital havia, ainda, 3 sub-temas, dentre os quais deveria se escolher apenas um para fundamentar o projeto: *info-poverty*, *info-ecology* e *info-metropolis*. O sub-tema tratava do local onde o projeto estaria inserido e da função dele neste contexto, bem como de sua adaptação ao entorno. O totem deveria transmitir e receber informações simultaneamente. Vistas as diretrizes do concurso, os acadêmicos José Valdir Reinehr Júnior, Leonardo Giovenardi, Rodrigo Silva e Thaís Luft, do curso de Arquitetura e Urbanismo Feevale, e Vinícius Marques, acadêmico do curso de Design da Uniritter, orientados pelos professores Ana Carolina Pellegrini e Leandro Manenti, com a colaboração dos docentes Juliano Vasconcellos e Rinaldo Barbosa,

iniciaram o processo de criação do projeto chamado I-TOTEM. Já escolhido o sub-tema *info-metropolis*, um turbilhão de pensamentos começou a fundir-se nas reuniões da equipe: conceitos de arquitetura, pesquisas sobre materiais e tecnologias de comunicação, estudos de formas e implantações, referências bibliográficas. E foi no esforço de unir características como conectividade, informação livre, identidade visual e mobilidade que surgiu a intenção de criar um totem que não fosse um elemento estático (no sentido de movimento e atualização) na malha da cidade, mas que pudesse acompanhar o constante ritmo de mutação característico de uma metrópole.

Imagem apologia da deriva





MISCELÂNEA DE IDÉIAS...

Inspirada nos textos da Internacional Situacionista, uma das principais intenções projetuais foi incentivar o indivíduo a construir situações e descobrir outros territórios, além dos já conhecidos e divulgados. Isto seria possível através de experiências efêmeras e pessoais, utilizando o meio urbano como terreno de ação, seguindo, segundo Guy Debord (*apud* JACQUES, 2003, p.87), um “comportamento lúdico-constructivo, o que torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio”. Para a equipe autora do projeto, o totem deveria conter informações mais reais e atualizadas do que os já convencionais manuais turísticos, igualmente confeccionados em várias línguas, contêm. Deveriam ser informações geradas por meios originais de apreensão do espaço urbano, por quem já visitou o local alvo da pesquisa do usuário do totem, ou até mesmo por quem vive lá. Assim, os habitantes e visitantes passariam de expectadores a vivenciadores e construtores de seus próprios espaços.

De forma sintética, Solá-Morales (*apud* BARBIERI e EICHEMBERG, 2004) descreve esta dinâmica como “dar forma à experiência sinestésica

do fluxo no movimento da metrópole, da deriva que se distancia do planejamento programático puramente visual e das regulações preestabelecidas, de modo a experimentar outros acontecimentos, outras performances, é um dos desafios fundamentais da arquitetura que visa o futuro”.

Mas de que maneira um elemento arquitetônico seria capaz de transmitir e receber informações? Como ser uma peça eficiente num mundo onde a informação pode tornar-se obsoleta em segundos? Um totem convencional poderia oferecer informação escrita, em panfletos, cartazes, mapas explicativos. Mas esses não são os meios, por excelência, que podem transmitir informação personalizada e específica sobre o lugar que você deseja visitar, uma determinada programação cultural, ou sobre alguma comida que você deseja comer. É aí que se insere a idéia de unir a arquitetura às tecnologias de telecomunicação já existentes. Ora, se há ferramentas como telefones celulares, GPS, internet, entre outros, que otimizam e intensificam o processo de envio e recepção de informações e a comunicação entre pessoas de todas as partes do planeta, por que não utilizá-las no totem?



Bicicletas para locação em Bruxelas.
Foto: Ana Carolina Pellegrini



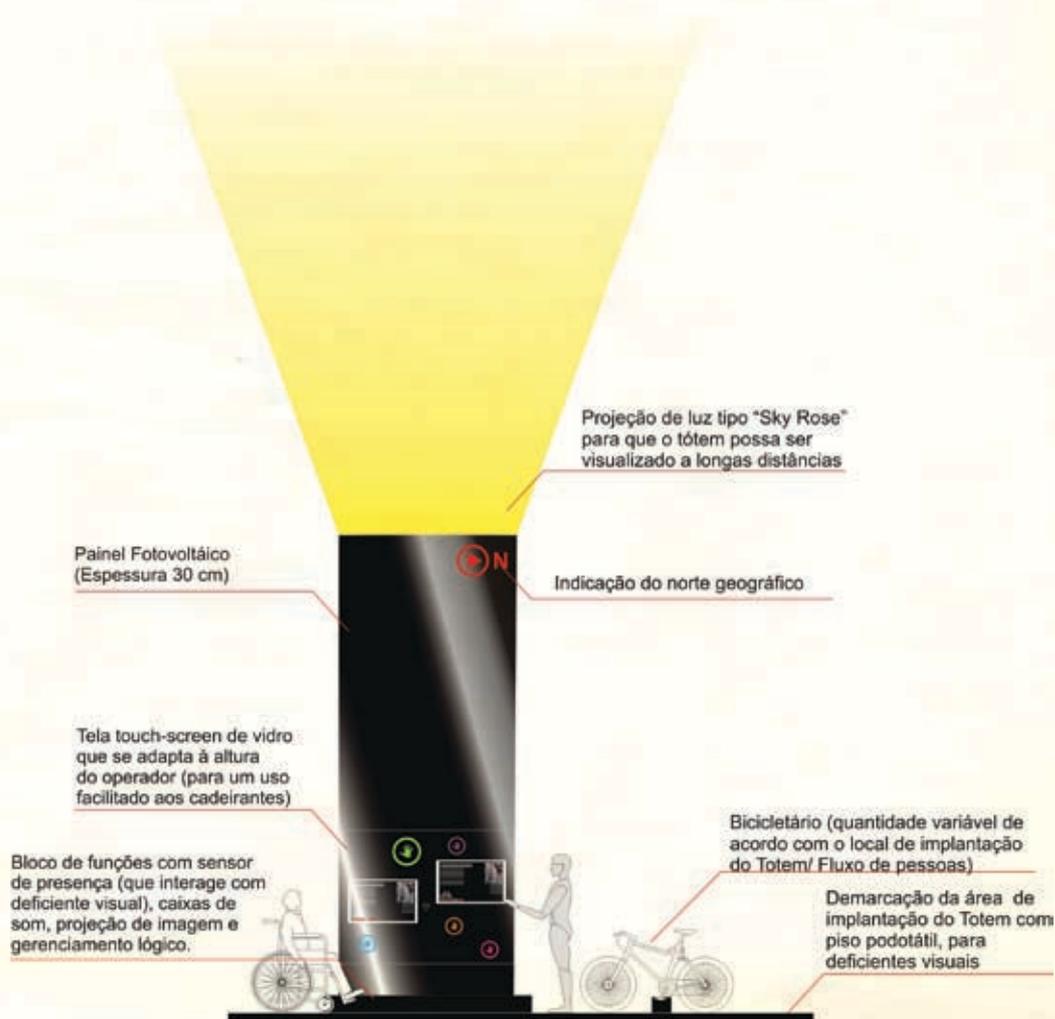
Cena do filme 2001: Uma Odisseia no Espaço.

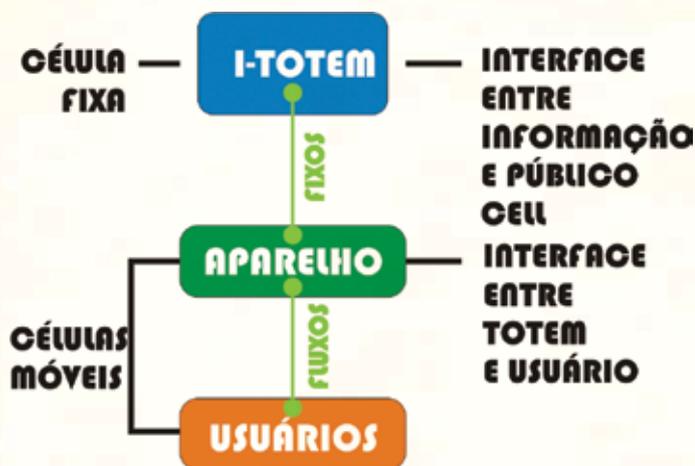


Telefones celulares são atualmente difundidos pelo mundo todo, na maioria das culturas.

Assim, determinou-se que o totem deveria ser capaz de receber informações via *wireless*, do mundo todo, e também possuir meios de receber “*in loco*”, diretamente de seus usuários, informações de GPS, MP3, celulares e demais equipamentos transmissores de dados. Um totem estabelecendo a interface entre cidadão e cidade. Mas para que o conceito almejado de informação livre – que faculta a todos o direito de comunicar o que acharem relevante – seja, de fato, democrático, é necessário interpretar a cidade como uma rede que não possui comando central, sem hierarquia, “uma teia sem aranha”, como descreve Barabási (apud BARBIERI e EICHEMBERG, 2004). Uma rede compartilhada por inúmeras ações, na qual há constantes intercâmbios de vivências e tráfegos, contaminada por fluxos diversos e contínuos. Caso contrário, se correria o risco de transformar o totem numa simplória versão dos manuais anteriormente citados, elaborados e editados por uma única pessoa, equipe ou órgão, de opinião geralmente unilateral.

Ainda de acordo com esta visão, está o que diz Steven Johnson, a respeito da estrutura das cidades, comparando-as à sociedade formada pelas formigas e ao cérebro humano,





que são estruturas absolutamente organizadas, mas que funcionam sem liderança alguma. Assim é a cidade: não se deixa comandar por um único líder, tampouco se deixa prever. “A cidade é complexa porque surpreende, sim, mas também porque tem uma personalidade coerente, uma personalidade que se auto-organiza a partir de milhões de decisões individuais, uma ordem global construída a partir de intervenções locais” (JOHNSON, 2003, p.29)

Voltando ao preceito de que o totem não deveria ser um elemento

estático, e que seria complicado fazê-lo mover-se pela cidade, tornou-se imprescindível especular sobre algum recurso que pudesse funcionar como parte móvel do projeto. Logo se chegou a um consenso sobre a implantação de um sistema de locação de bicicletas, desta vez com foco principal nos turistas. Sabendo-se que na Europa iniciativas deste tipo já são amplamente difundidas – e com muito sucesso, decidiu-se que, além das informações, o totem disporia de um sistema de locação de bicicletas diretamente conectado a ele.

“A fixidez de pontos distribuídos na malha urbana se fundiria com a fluidez dos movimentos característicos da cidade.” (Barbieri e Eicheberg, 2004)

Discutido e estabelecido o conceito do totem, já passava da hora de se desenvolver uma forma para ele. Reconhecendo a importância da transmissão de informação e conhecimento como meio para a evolução humana, veio às nossas mentes a clássica seqüência de imagens do filme “2001: uma odisséia no espaço”, na qual um primata depara-se com um monólito negro. Pensou-se a respeito do significado que aquele objeto teve para a evolução humana, segundo o filme, e de como a forma monolítica era universal, facilmente reconhecida e semelhante a diversos objetos de comunicação como celulares, *i-phones*, televisores e computadores. Rapidamente, adotou-se a forma monolítica apresentada no filme, para servir como “corpo” ao nosso totem. Pronto! O totem era um monólito!!!

Já o nome I - TOTEM alude ao ícone de “informações”, geralmente encontrado em placas em lugares públicos, que traz a letra “I” no centro. Também se considerou o fato de a palavra “informação” iniciar com a letra “I” em várias línguas.

Inglês= Information
Espanhol= Información
Italiano= Informazione
Alemão= Informationen
Francês= l’Information
Holandês= Informatie
Além da semelhança com os nomes de aparelhos ligados à telecomunicação, como *I-phone* e *I-pod*, conhecidos mundialmente.

... E O PROJETO!

Interpretando a cidade contemporânea como uma rede de fluxos contínuos e de conexões físicas, digitais e cognitivas, o projeto propõe um sistema auto-organizável, coletivo e aberto, implantado no tecido urbano, composto por três partes: TOTEM + CÉLULA MÓVEL (telefone celular, *i-phone*, *palmtop*, GPS, etc.) + USUÁRIO (visitante, habitante).

O sistema funciona da seguinte forma: o usuário vai até o totem, onde pode solicitar qualquer informação geográfica ou indicações sobre a cidade. Se possuir celular com GPS ou aparelho semelhante, pode conectá-lo ao totem e fazer o *download* das informações solicitadas. Caso não o tenha, o próprio totem dispõe destas células móveis, que podem ser alugadas na hora. O usuário então conecta o aparelho à bicicleta, cadeira de

rodas ou leva-o consigo em trajeto à pé e, durante o percurso, deixa registrado o caminho percorrido e suas impressões pessoais. No final do passeio, re-conecta a célula móvel a qualquer um dos totens espalhados pela cidade, realizando o *upload* de todo o tipo de informação coletada ao longo do percurso, tornando-a disponível a todos outros interessados.

Com esta dinâmica, o projeto seria capaz de transformar atividades ordinárias e cotidianas - como andar de bicicleta ou o trajeto a pé para o trabalho - em novas formas de leitura do espaço urbano, convergindo com o que afirma Duarte (apud BARBIERI e EICHEMBERG, 2004): “nessa trama de conexões entre pólos informacionais é que se originam as novas possibilidades da arquitetura”.

Além do intuito principal de receber e transmitir informação livre para servir aos usuários do totem, as células móveis com GPS, teriam a função de rastrear e mapear os caminhos percorridos, além de coletar informações que pudessem ser relevantes para órgãos como prefeituras, visto que, através dos dados coletados, seria possível detectar deficiências da cidade e planejar a mobilidade da mesma.



A informação intangível a serviço das transformações tangíveis.

A implantação do totem teria, em qualquer parte do mundo, o mesmo alinhamento pelo eixo norte-sul, a fim de orientar os usuários a respeito de sua localização geográfica, aludindo, por exemplo, à implantação das catedrais góticas, que possuíam o braço do transepto disposto segundo o sentido norte-sul, cumprindo, entre outras coisas, com a função de orientar viajantes.

O sistema construtivo, materiais e tecnologias que compõem o projeto já existem e podem ser facilmente encontrados nas metrópoles. Contudo, foram aqui utilizados e reunidos sob um ponto de vista diferenciado: buscando a valorização da arquitetura e visando a uma urbanização integrada.

Inteiramente revestido de células fotovoltaicas, o totem é energeticamente autônomo, contemplando a questão da sustentabilidade, e faz parte de uma rede de transmissão de informações que sintetiza e compatibiliza tecnologias já conhecidas à luz de uma nova interpretação, na qual o usuário é o protagonista.



Referências:

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JOHNSON, Steven. **Emergência: A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: como um computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BARBIERI, Maria Julia; EICHEMBERG, André Teruya. Espaço e cotidiano: fluxos, redes, frequências. 1 grão = 1 ticket. Arqtextos 050. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/esp242.asp>>. Acesso em 17 mar. 2008.

[As imagens deste artigo foram produzidas pela equipe de estudantes participante do concurso promovido pelo XXIII Congresso Mundial da UIA, em 2008]

P E N S O

A R Q U I T E T O N I C A
M E M N T E



LOGO,

P R O J E T O

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO FEEVALE